



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

**ESCOLA DE
LETRAS**

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

“EU ERA UMA ALUNA DESTAQUE”: DISCURSOS DE RESISTÊNCIA E ÊXITO

ESCOLAR DE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS

POR

BIANCA MARQUES POVOA

RIO DE JANEIRO

Dezembro de 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

**ESCOLA DE
LETRAS**

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

“EU ERA UMA ALUNA DESTAQUE”: DISCURSOS DE RESISTÊNCIA E ÊXITO

ESCOLAR DE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS

POR

BIANCA MARQUES POVOA

Trabalho de Conclusão de curso apresentada à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciando em Letras – na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, realizado sob orientação da Professora Doutora Elizabeth Sara Lewis.

RIO DE JANEIRO

Dezembro de 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

“EU ERA UMA ALUNA DESTAQUE”: DISCURSOS DE RESISTÊNCIA E ÊXITO
ESCOLAR DE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS

POR

BIANCA MARQUES POVOA

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Elizabeth Sara Lewis

Professor Doutor Thiago Ranniery Moreira de Oliveira [UFRJ]

Nota: _____

Rio de Janeiro, 06 de janeiro de 2020.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UniRio, por todo tipo de assistencialismo estudantil que dela recebi.

Aos meus amigos e amigas, especialmente às três amigas trans* que me concederam a entrevista, que serviu de base para a pesquisa; aos camaradas e às camaradas da militância política; aos amigos de Letras, Felipe Duarte Pinheiro e ao André Narcizo, pela solicitude e companheirismo; ao Rafael Gomes e Thiago Vieira, pelo amparo financeiro em momentos em que estive desempregada/desesperada, e ao escritor “maldito”, que de maldito nada tem, exceto seu alter ego lírico, Marcelo Mirisola, pelo afeto incondicional em todos estes anos em que moro na cidade do Rio de Janeiro. Em se falando de malditos, não posso deixar de mencionar William Garcia – meu “anjo negro” da Secretaria de Letras, por sempre me receber com festividade e/ou temor – uma brincadeira que ele entende – e ri comigo, sempre muito prestimoso.

Meu agradecimento mais do que especial vai para minha Orientadora, Elizabeth Sara Lewis, pelos apontamentos precisos, acolhimento, dedicação e extrema paciência.

Se alguém, sobremaneira, me fez pensar e repensar currículos e estratégias para uma saudável Educação, foi Thiago Ranniery Moreira de Oliveira, alguém que, para além de me aportar em seus trabalhos acadêmicos publicados, me concedendo, assim, uma maior esperança na tarefa de educar, pois me senti pertencida. Teve, também, a benevolência refinada de receber meu trabalho de conclusão de curso num prazo curto para poder analisá-lo.

Resumo

Em observação de uma grande concentração de trabalhos acadêmicos acerca do fracasso escolar de pessoas transexuais e travestis devido às limitações impostas pela matriz cisheteronormativa, a presente pesquisa almeja estudar casos de êxito escolar de pessoas trans, tanto para que sirvam de estímulo a outras pessoas trans, tanto quanto para que as instituições escolares possam refletir sobre a exclusão/expulsão deste grupo. Os dados foram gerados em uma entrevista semiestruturada presencial com três mulheres trans (uma que se identifica como transexual, e outras duas que se identificam como travestis) que durou aproximadamente 43 minutos e 45 segundos. A investigação é orientada pelos olhares da Teoria *Queer*, mais especificamente por um braço desta, a Linguística *Queer*. Analisarei como essas mulheres constroem discursivamente suas identidades ao falar de seus percursos políticos, acadêmicos, profissionais e sociais, olhando para quais discursos cisheteronormativos elas subvertem e/ou reforçam e tentando entender quais elementos desses percursos contribuíram para seu êxito escolar. Os resultados mostram que o êxito escolar/acadêmico destas três pessoas se deve, em sua maioria, ao apoio que obtiveram, desde pequenas, de algumas figuras femininas: o apoio de algumas professoras, mães e tias. Outrossim, de acordo com minha análise, verifica-se que a militância e a consciência política de cada uma foi elementar para que elas se mantivessem em ambiente escolarizado.

Palavras chave: linguística *queer*, êxito escolar, discursos de resistência, pessoas transexuais, travestis.

Abstract

Observing a great concentration of academic studies on school failure of transsexual people and transvestites due to the limitations imposed by the cis-heteronormativity matrix, the present research aims to study cases of school success by transgender people, so they may serve as stimulus for other transgender people, and also make school institutions reflect on the exclusion/expulsion of this group. The data were generated in a semi-structured face-to-face interview with three trans women (one identifying herself as transsexual, and two other identifying themselves as transvestites) lasting approximately 43 minutes and 45 seconds. The investigation adopts the approach of Queer Theory, more specifically through a branch of it, Queer Linguistics. I shall analyze how these women discursively construct their identities while talking about their political, academic, professional and social paths, watching which cis-heteronormative discourses they subvert and/or reinforce and trying to understand which of these paths contribute for their school success. The results show that the school/academic success of these three persons is due, in most part, to the support they obtained, since childhood, by some feminine figures: the support of some teachers, mothers and aunts. Furthermore, according to my analysis, I verify that the activism and the political conscience of each woman was crucial to their maintenance in a school environment.

Key words: queer linguistics, school success, resistance discourses, transsexual, transvestites.

Sumário

1. Introdução	7
2. Fundamentos teóricos e analíticos	10
2.1 Linguística <i>Queer</i>	10
2.2 Performatividade e transexualidade/travestilidade	12
2.3 Transexualidade/travestilidade e escola	16
2.4 Transfeminismo	20
3. Metodologia	24
4. Análise	28
4.1 A “descoberta” da transexualidade/travestilidade	28
4.2 Relação com a família	32
4.3 As conquistas escolares e profissionais	35
4.4 A experiência escolar e universitária	39
5. Considerações finais	47
6. Referências bibliográficas	49
7. Anexo: Convenções de transcrição	51

1. Introdução

Moro, há quase cinco anos, numa avenida onde travestis e transexuais se prostituem e percebo há anos as mazelas que elas sofrem. Neste momento, aqui da minha janela, ouço carros passando e homens gritando impropérios para elas. Foi pelas minhas interações com Beatriz (pseudônimo) que eu soube que, através do Decreto Nº R43.0658 de 08 de julho de 2011, o Estado do Rio de Janeiro dispôs sobre o direito ao uso do nome social por travestis e transexuais de forma positiva. Ela se prostituía há 3 anos atrás. Somos amigas, saímos para jantar, nos divertir, formular poemas. Nesses anos de amizade, eu pude perceber o quanto ainda, mesmo após 2011, a cidade do Rio de Janeiro é hostil aos corpos de mulheres trans*¹. A cidade continua transformando as mulheres trans* em vítimas de crimes de ódio e não há uma proteção específica que as ampare em se falando de legislação. Por estes motivos eu estou tentando contribuir, mesmo que num ato micro e acadêmico, para que as pesquisas envolvendo as mulheres trans* aumentem: eu quero minhas amigas travestis e transexuais vivas, frequentando a academia assim como eu, sofrendo menos assédio, até chegar a assédio algum um dia.

Desta maneira, devido também a meu interesse, enquanto licencianda, em discutir a Educação, conversei com várias mulheres trans* aqui do quarteirão sobre a questão escolar, dentre outras, e descobri que a maioria começa a sofrer perseguição e humilhação desde pequenas, desde o ambiente escolar. A pesquisa foi elaborada a partir de uma entrevista, focada na questão escolar, que realizei junto a três mulheres trans* que tiveram êxito na escola. Optei por focar nesses casos de sucesso pois fogem da norma estigmatizadora pela qual passam as mulheres trans*, à diferença da maior parte das pesquisas, que tende a focar no fracasso escolar deste grupo, como veremos mais adiante. Os objetivos da pesquisa foram, a partir da escuta destas mulheres, buscar um entendimento do processo socializador em ambiente escolar, as contrariedades e os manejos de resistência, cotejado isto tudo aos impasses e conquistas que este mesmo ambiente pode proporcionar aos educandos e às educandas.

Ser travesti ou transexual não é bem visto em pleno século XXI e já na própria escola os liames e cercanias lhes são impostos. É já a própria escola que as oprime, as

¹ Uso “mulheres trans*” com asterisco para me referir não somente às mulheres que se identificam como transexuais, mas também àquelas que se identificam como travestis.

deslinda, as desestabiliza. A desestabilização é tamanha que este sistema de exclusão leva muitas delas até a morte. Não é só uma peneira escolar heteronormativa acerca de que corpos podem ou não frequentar as escolas, antes é uma ferramenta de poder que as subjuga demarcando quais espaços elas podem frequentar na vida. Muitas pessoas trans* acabam na prostituição não por desejarem, antes porque lhes faltam outras opções de trabalho; não é fácil conseguir um trabalho “padrão” se para você tudo é negado, seu corpo e seu vir-a-ser é rejeitado, seu gênero é tido como abjeto. A sociedade heteronormativa quer as pessoas trans* como corpos prostituídos apenas – isso quando ainda são permitidas de existirem em sociedade.

De acordo com Berenice Bento em “Transfeminicídio: Violência de gênero e o gênero da violência” (2016, p. 46):

A primeira vez que se utilizou a expressão “femicídio” foi em 1801 para se referir a um assassinato de uma mulher. (RUSSELL; HERMES, 2006, p. 76) Radford e Russell (1992, p. 76) recuperam esse conceito e afirmam que “o femicídio está no extremo final do contínuum do terror contra as mulheres, o qual inclui uma grande variedade de abusos verbais e físicos.

Já Marcela Lagarde (2006, p. 20 apud BENTO, 2016, p. 47) traz um novo termo à baila no viés de uma tradução cultural mais precisa: ela transpõe “femicídio” para “feminicídio”, para emblemar o assassinato de centenas de mulheres cis mexicanas, a maioria na Ciudad Juárez.

Depois, Bento e outros autores propuseram usar o termo “transfeminicídio” para falar das especificidades da violência contra mulheres transexuais e travestis. Segundo Lagarde (2006, p. 20 apud BENTO, 2016, p. 47):

Uma possível interpretação para a natureza dessa violência está na posição que o feminino ocupa na ordem de gênero. O transfeminicídio, tal qual o feminicídio, se caracteriza como uma política disseminada, intencional e sistemática de eliminação das travestis, mulheres trans e mulheres transexuais, motivada pela negação de humanidade às vítimas. O transfeminicídio seria a expressão mais potente e trágica do caráter político das identidades de gênero. A pessoa é assassinada porque, além de romper com os destinos naturais do seu corpo-sexual-generificado, o faz publicamente e demanda esse reconhecimento das instituições sociais.

Embora o transfeminicídio seja o ápice da violência contra as pessoas trans*, também precisamos lembrar que existem outros tipos de violência mais cotidianas, por

exemplo, a violência moral ou psicológica que contribui para o fracasso escolar e expulsão compulsória desses indivíduos. De fato, a maior parte das pesquisas acadêmicas sobre a situação de pessoas transexuais e travestis nas escolas foca no fracasso e não no êxito das pessoas trans*. Por exemplo, as pesquisas de Acosta (2019), De Oliveira Junior e Maio (2016), Da Silva Lima e Filha (2017) focam na evasão, expulsão compulsória e fracasso escolar das pessoas trans*, uma vez que trabalham com dados estatísticos advindos da condição da pessoa trans* que foi extirpada do sistema escolar. Já a pesquisa de De Souza e Bernardo (2014) foca nas consequências do preconceito escolar para a vida profissional.

Embora seja muito importante entender os processos que levam à exclusão, também é importante entender os percursos que levaram ao êxito, para criar inteligibilidades sobre isso no intuito de abrir esse tipo de caminho para mais pessoas trans*. Como vimos no parágrafo anterior, atualmente há uma lacuna nas pesquisas acadêmicas sobre este assunto. Minha pesquisa visa a avultar a condição das pessoas trans* em situação escolar, haja vista que minhas três entrevistadas tiveram êxito em seus percursos acadêmicos, não sem muitos tropeços, obviamente, mas fogem ao padrão das pesquisas acadêmicas encontradas. Uma delas se formou em História da Arte pela UERJ; outra em Pedagogia pela mesma universidade e foi – à época da pesquisa, assessora parlamentar de um deputado, além de professora; e outra promove, como professora, cursos de Teatro e trabalha na Fiocruz. Socialmente, é meu dever político apontar tanto o que leva pessoas trans* a saírem/abandonarem a escola, quanto analisar e entender os percursos exitosos que minhas três entrevistadas realizaram em suas vidas no intuito de poder ajudar a combater este problema.

Meu desejo é que essa realidade mude e que no futuro esta onda de barbárie que assola o direito de autodeterminação, assim como o direito de existir, possa ficar apenas nestas páginas, nas páginas dos poucos noticiários que emitem na mídia convencional estes crimes, na memória desolada de quem vive estes tempos.

2. Fundamentos teóricos e analíticos

2.1 Linguística *Queer*

Tradicionalmente, temos como definição de Linguística: a ciência que estuda a linguagem. No entanto, o termo “linguística” serve como guarda-chuva de várias e diferentes áreas dos estudos da linguagem, uma das quais é a Linguística *Queer* (LQ, doravante), a vertente que norteará a presente pesquisa. A LQ investiga como indivíduos tidos como “fora dos padrões” da heteronormatividade realizam performances identitárias, olhando para como repetem discursos heteronormativos, ou transgridem estes discursos.

A LQ provém da chamada Teoria *Queer*, que, por sua vez, assimila o termo *queer* da língua inglesa, onde esta palavra significava, nos seus primórdios, “estranho”. Depois, veio a ser usado como um termo pejorativo para falar dos párias sociais, os desviados, homossexuais, lésbicas. Eram os desbastados sociais que não se encaixavam nos padrões cisheteronormativos, que a economia e os costumes sociais execravam de seu convívio. De acordo com Elizabeth Sara Lewis (2018, p. 676):

Na visão de De Lauretis (1991, p. iv, tradução nossa), que cunhou o termo “Queer Theory”, os Estudos Queer partem da “[...] premissa especulativa de que a homossexualidade não deve continuar a ser vista como algo marginal em relação a uma forma dominante e estável da sexualidade (a heterossexualidade) contra a qual seria definida ou por oposição ou desviante vis-à-vis uma sexualidade correta e natural (i.e. a sexualidade institucionalizada reprodutiva) [...]”.

Apesar do surgimento de várias vertentes ao redor do mundo, podemos dizer que em geral as Teorias *Queer* hoje em dia procuram revelar e desestabilizar naturalizações e normatividades. Louro (2004, p. 38-39 apud LEWIS, 2018, p. 676) nos esclarece:

[...] *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.

A partir de vários trabalhos desde a fundação da Teoria *Queer*, tivemos desdobramentos de autoras e autores diversos acerca das performances identitárias. A LQ, inspirada em Butler, é fundada por Anna Livia e Kira Hall em 1997, com a publicação da

coletânea *Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality*. O volume avança na problematização das questões de gênero, sexualidade e linguagem na medida em que reúne “uma série de artigos que abordam o estudo da linguagem com base nas perspectivas combinadas de gênero e sexualidade, considerados como categorias separadas, mas intrinsecamente ligadas” (LÍVIA; HALL, [1997] 2010, p. 113). No decorrer dos anos após a publicação dessa coletânea, a LQ torna-se “uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os discursos dominantes (i.e. heteronormatividade) e a performance linguística situada” (BORBA, 2015, p. 94).

Como as ciências sociais procuram sempre caracterizar explosões discursivas, pois estas resultam de mudanças sociais profundas, apesar de ter vindo, inicialmente, da Teoria *Queer*, a Linguística *Queer* é outra coisa. Borba, em “Linguística Queer: Uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem” (2015, p. 91), nos assinala:

A linguística queer segue uma perspectiva não-essencialista das identidades sexuais e argumenta que, em vez de uma realidade pré-discursiva, essas identidades emergem de contextos socioculturais e só podem ser entendidas como produtos/efeitos de performances corporais e linguísticas que repetem, reiteram ou subvertem ideologias locais que trancafiam as posições de sujeito em binarismos como homem/mulher, hetero/homo.

Num primeiro momento, a Linguística *Queer* era definida como “o estudo da linguagem-em-uso incrementado com ideias da teoria queer” (BARRETT, 2002, p. 26 apud BORBA, 2015, p. 93). De acordo com Borba (2015, p. 93):

Nesse *ethos* de complementaridade entre duas áreas aparentemente muito distintas, o foco dos estudos recaía na descrição de como seres abjetos, para usar os termos de Butler (1993), utilizavam a linguagem em diversas práticas sociais: *drag queens*, gays, lésbicas, travestis, *hijras* etc. Estudava-se, assim, como pessoas que, por suas vivências sexuais e corporais, relegadas à zona de ininteligibilidade social, faziam uso estratégico de códigos linguísticos dissonantes na negociação de suas identidades e de sua existência cultural. Ou seja, as investigações tentavam explicar como esses indivíduos faziam uso de recursos linguísticos que, à primeira vista, não estariam autorizadas a usar e como essa combinação de distintos códigos, registros, sotaques, léxicos etc. construía e (des)legitimava seu lugar social.

No entanto, outras nuances foram se amalgamando e hoje em dia podemos falar de um segundo momento da LQ. De acordo com Lewis (2018, p. 677):

No segundo momento, passou-se a estudar criticamente a heteronormatividade através de uma visão linguística, sempre

desafiando a ideia da heterossexualidade como a norma (MOTSCHENBACHER, 2011).

Portanto, a presente pesquisa se situa no chamado “segundo momento da LQ”, haja vista que visa contemplar como as entrevistadas reforçam e/ou subvertem discursos cisheteronormativos.

2.2 Performatividade e transexualidade/travestilidade

Inauguro esta seção me respaldando em Judith Butler e sua Teoria da Performatividade de Gênero, proposta por ela no livro *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade* ([1990] 2003). Para Butler, a performatividade de gênero consiste na repetição de atos de fala performativos e estilizações corporais. As reiterações dos atos acabam por amalgamar um conjunto de significados associados a estereótipos de gênero, naturalizando-os. De acordo com a autora, quem de alguma forma modifica ou subverte essas reiterações, fugindo dos padrões de gênero e sexualidade, acaba por se tornar alvo de uma série de violências discursivas, psicológicas e físicas.

Judith Butler, no seu livro, de acordo com Elizabeth Sara Lewis em “Teoria(s) *Queer* e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa” (2017, p.163):

[...] critica certas vertentes do feminismo, em particular o feminismo da diferença ou feminismo da segunda onda, por pressuporem que o termo “mulher(es)” denote uma identidade comum e um sujeito estável, assim criando um paradoxo: a reificação das relações de gênero que o feminismo pretende combater. Para a autora, “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (2003, p. 48, grifo da autora); ou seja, o gênero não é uma propriedade essencial, inata, estável ou pré-discursiva das pessoas, é performativo. “Performativo” aqui não quer dizer “teatral”; algo performativo no sentido butleriano cria o que nomeia.

Faz-se necessário aqui explicar que Butler se baseou, num primeiro momento, na Teoria dos Atos de fala de Austin. Austin propõe aplicar sua concepção performativa a toda a linguagem, usando o ato de fala como a unidade básica de significação.

De modo resumido, Austin (1990) se debruça no contexto social das relações entre os falantes, demonstrando que na linguagem não temos apenas enunciados descritivos (aqueles que descrevem algo no mundo e que podem ser verdadeiros ou falsos), antes diversos atos de fala que não são descritivos, e que não podem ser classificados em termos

de “verdade” e “falsidade”, mas que realizam ações no mundo. Para que essas ações sejam bem-sucedidas, convenções sociais de várias ordens entram em cena como lugares essenciais de análise.

Tanto que para tal, Austin nos ensina que a linguagem é uma forma de ação, uma forma constituinte das nossas realidades e, portanto, não mais meramente a representação ou correspondente da verdade. Os enunciados descritivos, mencionados anteriormente, serão chamados de “atos de fala constativos” para Austin, assim como os enunciados que realizam ações serão chamados de “atos de fala performativos”. Embora a teoria austiniana abranja outros conceitos, atemo-nos aqui aos atos de fala constativos e performativos – que foram a base de suas distinções iniciais –, pois é nos enunciados performativos que Austin se concentra para provar que as relações entre contexto e sentido são importantes.

Apurando um pouco mais, atos de fala constativos são aqueles que descrevem algo e têm valor de verdade. Por exemplo, quando alguém fala: “O livro Moby Dick está na estante”, o enunciado está descrevendo o local onde encontra-se o livro e a sua veracidade pode ser facilmente verificada: basta que se olhe a estante para saber se o livro está lá ou não. Já os atos performativos são aqueles que não descrevem nada, mas sim realizam algo ao serem proferidos. Se pegarmos, por exemplo, o clássico exemplo “eu vos declaro marido e mulher”, utilizado por Austin em suas palestras, não é possível avaliá-lo em termos de verdadeiro ou falso, visto que não descreve algo no mundo. Em vez disso, um enunciado como esse realiza uma ação, no caso o casamento entre dois indivíduos, e sendo assim, podemos apenas determinar se foi bem-sucedido ou não. Segundo Austin, para que atos de fala sejam bem-sucedidos, é necessário que atendam a uma série de condições de “felicidade”. No caso do exemplo acima, é preciso que o enunciado seja dito por um sujeito autorizado (um padre, pastor ou juiz), que as pessoas envolvidas desejem casar-se, que seja dito num local adequado (uma igreja, um cartório etc.) e que seja dito ao final da cerimônia. Caso essas condições não sejam atendidas, o casamento não será válido e o enunciado será malsucedido (LEWIS, 2017).

Butler lança um novo paradigma sobre os atos performativos e constativos de Austin, acenando para o cunho social advindo da repetição de como que um ato supostamente constativo se torna performativo, e, assim, amplia este último. Mesmo o próprio Austin, ao final de suas conferências, propõe que talvez não seja tão fácil

distinguir entre constativo e performativo, e então, Butler esmiúça a teoria austiniana, explicando que atos de fala que seriam aparentemente constativos (como no exemplo visto pelo mundo todo do médico cirurgião dizer ao nascer um bebê “É uma menina!”) no fundo funcionam como performativos (LEWIS, 2017).

Destarte, Butler aquilata a definição de gênero alinhando-o a algo produzido na repetição de atos de fala, assim como nas estilizações corporais. A ideia da repetição é um conceito central da teoria da performatividade de Butler ([1990] 2003). Ela insiste que temos uma tendência a repetir certas ideias, falas e estilizações corporais, o que, no decorrer do tempo, cria uma aparência de naturalidade. Ao mesmo tempo, ela insiste que não somos fadados a repetir sempre a norma; dentro da repetição também tem a possibilidade de subverter e mudar a norma (LEWIS, 2017).

A “definição” de gênero que Butler (2003, p. 59 apud LEWIS, 2017, p. 166) propõe é a seguinte:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, [os quais] se cristaliza[m] no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.

Pormenorizando no afã de explicar melhor a famosa frase dita por médicos cirurgiões quando nascem bebês (mencionada acima), quando nasce uma criança e este mesmo médico enuncia “É uma menina!”, parece-nos, à primeira vista, que isto está posto e é uma simples descrição do bebê. Porém, como observa Butler, funciona como um primeiro performativo numa cadeia de repetições. Aquele bebê se tornará uma menina com o passar dos anos e das reentrâncias sociais e psicológicas que este termo traz consigo, através de processos sociais repetidos vinculados ao termo “menina”: ser encorajada a se comportar de maneira dócil, subserviente, recatada etc., preparar-se para se casar um dia e gerar filhos, e assim por diante (LEWIS, 2017).

Ainda recorrendo a Lewis (2017, p. 166):

Em outras palavras, a criação do gênero (e da sexualidade) não é um ato ou evento singular; é uma produção, uma performance, ritualizada e reiterada. É importante frisar que essas performances não envolvem simplesmente atos de fala, mas também estilizações corporais (roupa, cabelo etc.), gestos e ações corporais (por exemplo, um menino que mostra os músculos dos braços, sugerindo força e masculinidade),

silêncios (não contestar um insulto homofóbico pode reforçar a marginalização da homossexualidade, por exemplo) etc.

Este enunciado do médico, aprioristicamente um ato de fala constativo, como mencionamos anteriormente, na verdade é um ato de fala performativo, haja vista toda a gama de condições socializantes a que este bebê será submetido; gama de condições esta que faz parte da chamada matriz heteronormativa – um conjunto de atos dados como “normais”, uma série de axiomas (discursos, valores, práticas) por meio dos quais a heterossexualidade é instituída e se torna norteadora de vivências que se constituem como única possibilidade natural e legítima de expressão no cerne social – de escopo político-econômico.

Sobre a matriz heteronormativa, nos assinala Lewis (2017, p. 175):

[...] é um conjunto complexo de pressões, expectativas e restrições sociais e institucionais [...]. Tais representações não somente são heterossexistas; também reforçam várias outras normas inter-relacionadas, como a cisgeneridade, a monogamia, o estilo de vida burguês etc.

Ainda Lewis (2017, p. 176) sobre a matriz heteronormativa de Butler:

Nos esquemas de inteligibilidade disponíveis nesta matriz, o sexo “biológico” de uma pessoa deve se alinhar com seu gênero, e essa pessoa deve sentir desejo sexual por pessoas do sexo e gênero “opostos”. Em outras palavras, uma pessoa que nasce com uma vagina deve se identificar como mulher e desejar pessoas que nasceram com pênis e se identificam como homens. As pessoas cujo sexo, gênero e desejo não se alinham desta maneira – e/ou cujas práticas e gostos sexuais borram os limites do alinhamento são consideradas doentes, desviantes, estranhas, inumanas... ou, talvez pior, não são consideradas de modo algum. De acordo com Butler (2015, p. 21, grifos da autora), “uma vida tem que ser inteligível *como uma vida*, tem de s[e] conformar a certas concepções do que é a vida, a fim de se tornar reconhecível”. A matriz heteronormativa é também uma matriz de inteligibilidade, uma maneira de entender, interpretar e reconhecer o mundo e as vidas. Ao não ser “inteligível” dentro das prescrições da matriz heteronormativa – ao não ser cisgênero e heterossexual, com práticas e performances heteronormativas – as pessoas não são reconhecidas como pessoas no sentido pleno.

Butler, ousada e incisiva, lança aqui preceitos que engendram toda a sorte de retaliações, violências e humilhações que indivíduos sofrem ou sofrerão dentro da sociedade por não se encaixarem no alinhamento sexo-gênero-desejo prescrito pela mesma.

2.3 Transexualidade/travestilidade e escola

Conforme visto na seção anterior, a matriz heteronormativa rege a sociedade logo seria inocência pensar que a escola fugisse a esta matriz. A escola delimita espaços tanto físicos como sociais. São gamas de símbolos, códigos e sinais que apontam para a direção “correta” que seus alunos devem tomar. Direção esta que assinala quais são os modelos aceitos, os não-aceitos, os que merecem castigos, reprovações, e assim por diante. São esculturas, santas, crucifixos, quadros, cores das paredes, muros etc. A escola separa e institui. Separa meninos e meninas, os pequenos dos grandes, os “notórios” dos “reprovados”. A escola informa direitinho qual é o “lugar” de cada um.

Conforme nos aponta Guacira Lopes Louro, em *Gênero, sexualidade e educação* (2014, p. 57), a escola:

[...] dividiu, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

Fora do cotidiano familiar, a escola é o segundo local onde seres humanos – que pela lei brasileira², por exemplo, são obrigados a estarem na escola/frequentando uma escola – apreendem e vêm a compreender o mundo. Toda pedagogia é voltada para ensinar aos educandos maneiras de se comportar, de se reunir, de se olhar, de se ouvir, de se calar, de se falar e de “preferir”. Todo o quórum pedagógico “ensina” como cada aluno e aluna deve reconhecer sons, cheiros e sabores para elencar, então, quais destes são “decentes” e quais destes são “indecentes”, ou seja: o corpo pedagógico treina mentes e devires; mentes e agentes.

Ainda de acordo com Louro (2014, p. 64):

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas

² A Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, obrigando pais a matricular crianças a partir dos 4 anos na pré-escola.

dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas "críticas"). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui.

Ora, as crianças e adolescentes que não aderem a este dispositivo pedagógico que treina mentes e devires acabam por passar por diversas situações de constrangimento, vulnerabilidade, autoculpabilização, negação, internalização de fobias, tecendo a escola, assim, um escopo de aviltamento contra estes estudantes, sejam eles brancos, negros, homossexuais, lésbicas ou transexuais/travestis e, por isto, este sistema é tão eficaz em produzir sujeitos disciplinados que tentam se encaixar na norma.

De acordo com Isaias Batista de Oliveira Junior e Eliane Rose Maio, em “Re/des/construindo in/diferenças: A expulsão compulsória de estudantes trans do sistema escolar” (2016, p. 164):

No ambiente escolar, em razão do status de privacidade que adquirem, [a]s fobias se traduzem em situações limites, como agressões físicas, ou desvelam-se em formas mais sutis, como atos de violência simbólica sinalizados em piadas, brincadeiras jocosas ou mesmo comentários e insinuações de desejo de afastamento de pessoas re/conhecidas ou supostamente identificadas como homossexuais.

Existe um desejo nefasto que abarca os processos de evasão/expulsão escolar, conforme assinala Berenice Bento em “Na escola se aprende que a diferença faz a diferença” (2011, p. 555): “[...] há um desejo de eliminar e excluir aqueles que ‘contaminam’ o espaço escolar. Há um processo de expulsão, e não de evasão [...]”.

Finalmente, podemos notabilizar aqui que o sistema educacional atende, mediante o desejo descrito acima, aos interesses biopolíticos: a imposição de padrões, reprodução de estereótipos de gênero (e.g. como ser homem, como ser mulher, masculino ou feminino, não ser “diferente”, obedecer, ser disciplinado etc.), normalizações compulsórias, violências psíquicas, tudo isto deve ser questionado no afã de proporcionar a todos os seres humanos a capacidade de estudar num ambiente de formação.

Destarte, segundo Richard Miskolci, em *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças* (2012, p. 63):

[...] A demanda queer é a do reconhecimento sem assimilações, é o desejo que resiste às imposições culturais e dominantes. A resistência à norma pode ser encarada como um sinal de desvio, de anormalidade, de estranheza, mas também como a própria base com a qual a escola pode trabalhar. Ao invés de punir, vigiar ou controlar aqueles e aquelas que rompem as normas que buscam enquadrá-los, o educador e a educadora podem se inspirar nessas expressões de dissidência para o próprio educar. Em síntese, ao invés de ensinar e reproduzir a experiência da abjeção, o processo de aprendizado pode ser de ressignificação do estranho, do anormal como veículo de mudança social e abertura para o futuro.

Pelos motivos expostos acima, a escola, no presente trabalho, é considerada como instrumento-lugar de heteronormatização, pois é responsável por apagar as diferenças, moldando os educandos para se conformarem à matriz heteronormativa: tudo o que não assina a esta matriz será rejeitado, subjogado e desmantelado. A escola é responsável por perpetuar padrões “normalizadores”, aquilo que a Teoria *Queer* (seus teóricos e militantes) luta para combater: dicotomias hierarquizadas e a produção (e reprodução) de gêneros e sexualidades aceitos como inteligíveis e imutáveis. Ao mesmo tempo, conforme a citação de Miskolci acima, o que transgredir estes padrões irá, além de desobedecer, revelar possibilidades de transformação destes mesmos padrões.

Dentro do escopo da presente pesquisa procuro analisar a resistência de educandas que fogem à normatização heteronormativa, a partir de entrevistas com três mulheres transexuais e travestis. Quando Richard Miskolci nos alerta para a possibilidade de haver algum(ns) tipo(s) de transformação(ões) de padrões da matriz heteronormativa advinda daqueles que desobedecem estes padrões ao transgredi-los, é onde podemos começar a falar do outro lado da moeda, haja vista que as três entrevistadas tiveram êxito escolar. É na escola que, apesar de tudo o que foi exposto antes, as crianças experimentam novos devires, experimentam novas coisas, passam por profusões sociais variadas e, de certo modo, estas investigações desvelam as tais novas possibilidades assinaladas por Miskolci.

É na escola que a vida também pode ser vivida, pode ser começada de maneira positiva. Quando existe o reconhecimento destas potencialidades nas pessoas gays, lésbicas e trans* por parte do corpo docente e discente, desdobramentos positivos podem ser alcançados, embora a escola geralmente seja um lugar de apagamento das diferenças e aprendizagem da heteronormatividade.

Thiago Ranniery, em “Currículo, normatividade e políticas de reconhecimento a partir trajetórias escolares de ‘meninos gays’” (2017), trabalha a trajetória de três adolescentes categorizados na escola como “meninos gays”, aos quais ele chama de Mitchell, Jonas e Álvaro. Cada um desses adolescentes lhe narrou histórias e acontecimentos incríveis e positivos dentro de suas escolas.

Mesmo com as normas escolares produzindo sistematicamente estigmas corporais, é através deles que estes adolescentes fizeram-se sujeitos: ao irrompê-los. Acompanhando Ranniery (2017, p. 12):

Os variados atos pelos quais Mitchel, Álvaro e Jonas tornam-se sujeitos estão inseridos em uma rede, em que instituições, como a escola, têm força significativa, demonstrando como as formas corporais, imaginativas e estéticas de seus corpos provocam deslocamentos de viver e se fazer visível nas escolas. Esses “meninos gays” permitem problematizar gênero e currículo levando em consideração que o cenário da política sexual brasileira tem se modificado bastante [...]. Os corpos de “meninos gays” oferecem, assim, uma possibilidade para o que Butler (2014) sugere: se queremos ampliar as reinvenções sociais e políticas a respeito das vidas marcadas como abjetas pelas mais diversas normas, talvez seja preciso se apoiar em uma “nova ontologia corporal” que implique repensar aquilo que se tem considerado como uma vida vivível embutida nas políticas de reconhecimento.

Embora seus corpos destoassem da heteronormatividade e pudessem ser vistos como abjetos, cada um desses três meninos teve momentos de muita riqueza intelectual e cultural dentro da escola, cada um deles moveu emoções positivas tanto em professores/as simpatizantes e apoiadores/as quanto em outros/as alunos/as, muitas vezes sem o reconhecimento da própria família, como é o caso de duas das minhas entrevistadas. Ranniery nos descreve as argúcias destes três adolescentes, suas peças de teatro, suas performances cênicas, suas organizações em Feiras de Conhecimento etc., e como toda essa constituição provocou rupturas nos paradigmas estigmatizadores heteronormativos.

O autor destaca a visão positiva que os/as professores/as tinham desses adolescentes, que eram considerados “bons alunos”:

Caraterísticas como “senso de liderança”, “simpatia” e “história de vida” importam para materializar quem é o bom aluno, somadas à atenção, dedicação, envolvimento e carisma nas atividades escolares, quase sempre significadas como “femininas”. Ao passo que reconhecidos como gays, é a própria hibridez dos “meninos gays” com o “feminino” que, se questiona esta assunção do gênero, em alguma parte, os torna bons alunos. Não faz sentido, assim, empreender

exclusão e violências contra tais vidas que, antes de qualquer indicativo transgressor, são bons alunos. (RANNIERY, 2017, p. 17)

Apesar de existir toda uma estrutura, um circuito de normatividade nas escolas, a escola não é para toda pessoa LGBT um espaço de opressão em si. Quando docentes, coordenadores/as, discentes etc. instituem novos horizontes de possibilidades, as normas estão presentes, mas se movimentando em outras direções: o campo vivido pode exaltar a vida e não a morte.

2.4 Transfeminismo

Numa sociedade guiada pela normatização cis-heterossexual, pela perpetração de valores desta matriz e pelo estrangulamento (figurado ou literal) dos desviantes a este sistema, faz-se necessário que existam grupos de resistência em todas as partes. Milhares de mulheres (cis ou trans*) são violentadas, e os crimes de ódio crescem vertiginosamente em todo o planeta. As mulheres trans* são particularmente estigmatizadas, por chocarem mais a sociedade binária, como visto na seção anterior. Assim como a militância do feminismo, existe a militância do transfeminismo. E explicarei, a seguir, como são, ambas, filosofias e práticas que podem e devem se agregar em nome de um bem maior.

Conforme nos explicam Jaqueline Gomes de Jesus e Hailey Alves, em “Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais” (2012, p. 13), “a visibilização cada vez maior da população trans se enquadra em um projeto político de emancipação, relacionado à publicização de suas necessidades específicas, suas histórias, suas posições sociais [...]”.

A primeira e a segunda onda do feminismo não levavam em conta o recorte de classe, raça e sexualidade, embora levasse em consideração o gênero (de todo modo ainda apenas a cisgeneridade) O fato de focar apenas em certo tipo de mulher foi notado pelo feminismo negro quando de seu surgimento (anos 70 do século passado): “ao não levar em conta a intersecção entre raça e gênero, o feminismo tradicional não levava em conta as particularidades das mulheres negras, ou sequer as reconhecia como mulheres, cujo modelo idealizado eram as mulheres brancas” (JESUS; ALVES, 2012, p. 137). De modo parecido com o feminismo negro, que surgiu fazendo críticas ao feminismo por tratar todas as mulheres de acordo com padrões brancos e de classe média, o transfeminismo,

surgido nos Estados Unidos há mais de 20 anos, “emergiu como uma corrente do feminismo que reivindica a visibilidade, a autonomia e a emancipação das pessoas trans, opondo-se à estrutura ideológica que marginaliza este grupo social: o cissexismo” (RODRIGUES et al., 2014, p. 153).

O cissexismo, que reconhece como sujeitos femininos apenas as pessoas que foram designadas como mulheres ao nascer, é uma fórmula biologizante (cromossomos e genitais) e reforçadora de estigmas que encarcera as mulheres ainda mais em constructos patologizantes.

De acordo com Liliana Rodrigues, Nuno Santos Carneiro e Conceição Nogueira, em “Transexualidades: olhares críticos sobre corpos em crise” (2014, p. 153):

O feminismo *mainstream* também reproduz o cissexismo, pois apenas reconhece as pessoas que foram designadas como mulheres no nascimento como os sujeitos legítimos do feminismo. Numa abordagem abrangente, os discursos cissexistas limitam as liberdades e direitos de todas as pessoas que transcendem o sistema normativo e binário, tais como as mulheres histerectornizadas (remoção do útero), mulheres mastectornizadas (remoção dos peitos), homens orquiectomizados (remoção dos testículos) e/ou homens penectomizados (remoção do pénis) por motivos de saúde como o cancro.

O transfeminismo, então, “procura transformar o pensamento e movimento feminista, empreendendo um contributo fundamental para a leitura da opressão baseada na desigualdade de gênero e não de sexo [...]” (RODRIGUES et al., 2014, p. 154). Pois, para se tratar de um feminismo que abranja e atenda a todas as mulheres, é melhor usar o conceito de gênero, pois este é mais útil do que o conceito de sexo para as compreensões das identidades e dos cotidianos de homens e mulheres, sem manter as mulheres como subalternas aos homens, haja vista tudo o que já foi discutido nas seções anteriores sobre o lugar das mulheres e da população LGBT na matriz heteronormativa.

Nos registros civis de forma geral (certidões de nascimento, carteiras de identidade, crachás, frequências, contracheques, entre outros), é o sexo biológico e um nome atribuído a ele que constam, sendo o gênero uma variável inutilizada, senão confundida com o próprio conceito de sexo. No que tange a homens e mulheres transexuais e travestis, isso incorre em sofrimento e negação de direitos. (JESUS; ALVES, 2012, p. 10)

Devemos entender que a desigualdade que mata corpos desde a escola é de gênero, e não de sexo. Pautar o que é ser “mulher” apenas pelo viés da biologia estrutura esse cissexismo e encampa o sexismo também, de maneira negativa, principalmente no concernente ao direito de autodeterminação dos indivíduos. Isto estimula a violência contra corpos trans* deixando-os ainda mais vulneráveis.

As principais reivindicações do transfeminismo são de cunho político e social. Existem pessoas transexuais e travestis que desejam viver dentro do escopo do binário de gênero, todavia, o transfeminismo reivindica a desconstrução deste binarismo, uma vez que se recusa a admitir a ideia bio-essencializada de ser mulher e de ser homem (RODRIGUES et al., 2014). As/os transfeministas frisam que “as pessoas trans não são imitações das mulheres e homens ‘reais’ (mulheres e homens cis)” (RODRIGUES et al., 2014, p. 140), recaindo, assim, em mais uma reivindicação de extrema importância do transfeminismo: “o combate à violência cissexista/ transfóbica. Cissexismo é um sistema opressor das pessoas cis sobre as pessoas trans. Reconhece-se que existem discursos cissexistas, isto é, a deslegitimação das identidades trans” (RODRIGUES et al., 2014, p. 140). Outro aspecto de suma importância no transfeminismo é “a despatologização³ das identidades trans”, buscando “a remoção do conceito de patologia associado às transexualidades e às restantes identidades trans” (RODRIGUES et al., 2014, p. 140), pois isto dificulta, em muitos setores, a vida destas pessoas. O exemplo desta dificuldade mais gritante é o da medicina: ao considerar a transexualidade como patologia, o restante da sociedade, pela voz de autoridade que detém a medicina, acaba, também, por considerar que as pessoas trans* são doentes, complicando o acesso destas pessoas à saúde, complicando o direito de terem autonomia sobre seus corpos, complicando a permanência nas instituições escolares, etc. O transfeminismo busca, ainda, “dar visibilidade à sexualidade das pessoas trans não heterossexuais” (RODRIGUES et al.,

³ As coisas mudaram um pouco desde a publicação citada acima. A despatologização foi quase alcançada (mas ainda falta muito, pois um novo CID, de caráter atenuador, foi inventado) pela empreitada da agenda transfeminista ao redor do mundo. Após 28 anos, a OMS (Organização Mundial da Saúde) lançou uma nova edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) e, nela, a transexualidade, até então entendida como "transtorno de identidade de gênero", deixou de ser uma "doença mental", mas continua incluída no catálogo como "incongruência de gênero". (Portal UNAIDS, 19 de junho de 2018: <https://unaid.org.br/2018/06/oms-anuncia-retirada-dos-transtornos-de-identidade-de-genero-de-lista-de-saude-mental/>)

2014, p. 141). Tendo em vista que a identidade de gênero não é a mesma coisa que a orientação sexual, tanto as pessoas cis como as pessoas trans* podem ser heterossexuais, homossexuais, assexuais, bissexuais etc. Outra reivindicação é a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos para todas as pessoas, cis e trans*: as/os transfeministas lutam para a legalização do aborto para todas as pessoas, sejam cis ou trans*, mas destacam os homens transexuais, por estes serem geralmente esquecidos nas pautas do feminismo *mainstream*. A agenda transfeminista luta para que as pessoas trans* não sofram medicalizações e intervenções médicas (como a esterilização, por exemplo) como sendo requisito para conseguir o reconhecimento de suas identidades (RODRIGUES et al., 2014).

Historicamente, tem sido importante identificar e reconhecer diferentes identidades com o intuito de construir grupos, oferecer referenciais, opor-se às ideias preconceituosas sobre o grupo estigmatizado, questionar os sistemas ideológicos em que as sexualidades se inscrevem e aceder ao reconhecimento simbólico de que se é aceito na e como “diferença”. (RODRIGUES et al., 2014, p. 148)

O transfeminismo é de suma importância para isto. Quanto mais pessoas trans* participarem deste movimento, mais irão sentir-se pertencentes a um grupo social, e isto as estimula a lutarem mais por seus direitos, as estimula a se politizarem, como é o caso das minhas três entrevistadas, que participam ativamente do movimento transfeminista, solidarizando-se umas com as outras de uma maneira que não é possível sem estar num coletivo, de uma maneira organizada, com leituras, encontros e redes de amparo e informações. Muitas das mulheres trans* que se prostituem embaixo da minha casa não estão ligadas ao movimentos transfeministas e ainda não o desejam (por medo, por terem sido achincalhadas desde pequenas por grupos políticos-sociais opressores na escola, por falta de conscientização ou mesmo por falta de interesse), e isso é a grande maioria, todavia, eu vejo transfeministas conversando com elas, elencando pontos de convergência em suas vidas, trocando informações e conhecimento.

3. Metodologia

Para a presente pesquisa, realizei uma entrevista coletiva com três mulheres – Taís, que se identifica como mulher transexual, e Beatriz e Wania, que se identificam como travestis (todos os nomes são pseudônimos) – uma vez que eu desejava pareceres acerca da “instituição sociocultural escola” deste grupo (pessoas transexuais e travestis). Logo de início, eu havia explicado para elas minha relação com a pesquisa acadêmica, que esta se debruçaria em evasão ou permanência na escola com pessoas que fugiam à cisheteronormatividade imposta, e como se deu a negociação de cada uma no âmbito escolar, a partir de suas condições ditas “desviantes”.

A entrevista foi realizada em 20 de abril de 2018, na Praça São Salvador, Bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro/RJ. Durou quarenta e três minutos e quarenta e cinco segundos. Foi marcado este dia, neste local, pois as três entrevistadas estariam reunidas e seria mais fácil para elas realizar a entrevista em grupo. Posteriormente, foram transcritos os primeiros 17 minutos da entrevista, utilizando um modelo baseado naquele de Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974] 2003) (ver anexo).

As três entrevistadas são: Beatriz, de 32 anos, nascida em Assu/RN; Wania, 22 anos, nascida em Sobral/CE e Taís, 21 anos, nascida em Corrente/PI, mas criada em Salvador/BA. As três demonstraram possuir grande conhecimento político, além de serem aguerridas militantes pelos direitos das pessoas transexuais e travestis – o que eu já sabia de antemão – e terem um ótimo entrosamento entre si. Elas já se conheciam antes da entrevista e eram amigas, tanto que estavam ali naquele dia para ensaiar um musical teatral em que as três eram roteiristas e, também, as atrizes, depois da entrevista concedida a mim. É importante observar que meu primeiro elo foi Beatriz: ao passo que esta já me conhecia há mais de dois anos, e se sentiu segura para se expor nesta pesquisa, também chamou as duas outras amigas. Ela esboçou que seria uma entrevista tranquila, com alguém que seria seguro falar. Então, a entrevista foi marcada com Wania e Taís sem estas me “conhecerem” – já tínhamos visto-nos pelo bairro da Lapa e participado de algumas conversas com pessoas em comum, mas tanto Taís não se lembrava de mim quanto eu só conhecia Wania de vista.

Estavam ainda tímidas antes da entrevista acontecer, e, por isso, me revelaram depois, preferiram me conceder a entrevista em grupo. Nos encontramos na Praça e sentamos num restaurante ali nos arredores. Curioso que quando sentamos, pedimos apenas dois sucos, um para mim, e outro para Wania. O garçom, ao nos atender, agiu normalmente. Mas depois ficou nos rodeando, como quem dissesse: “Não vão pedir mais nada?”, algo que chamou a atenção de Wania. Ela manifestou que logo iriam mandar a gente embora. Eu argumentei que não, que tínhamos feito nosso pedido e tínhamos o direito de estar ali. Ela argumentou que seria possível expulsar-nos por elas serem pessoas trans*, uma vez que isso acontecia muito com ela.

De qualquer maneira, eu mantive uma postura firme e as incentivei a manter postura parecida também, e o garçom não nos assediou. Por mais que o local tenha sido escolhido por Beatriz, Taís e Wania não eram frequentadoras da Praça, e de início demonstraram cautela. No decorrer da entrevista, se acalmaram.

Como mencionei anteriormente, eu já conhecia Beatriz desde 2015. Beatriz foi prostituta na rua onde moro, mas na ocasião da entrevista ela não se prostituía mais. Na época, ela sofria algum tipo de assédio por parte de outras travestis que se prostituíam na rua; por serem mais novas que ela, diziam que Beatriz era uma pessoa decadente, acabada, feia, que não tinha cabelo natural e “apelava” para o uso de peruca. Faz-se mister apontar aqui a expectativa de vida de uma pessoa trans* no Brasil: apenas 35 anos, devido à violência transfóbica, enquanto a expectativa para a população brasileira em geral é aproximadamente 75 anos (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019). Se ela tem só 32 anos, mas já é vista como “velha” e “acabada” pelas outras mais jovens, isso é por causa da baixíssima expectativa de vida das pessoas trans* no país. Eu notava essas falas e criei uma certa empatia por Beatriz. Eu já tinha criado o costume de parar ali e conversar com algumas das prostitutas. Algumas não gostavam de mim por acharem que eu, uma mulher cissexual, iria atrapalhar o negócio. Algumas gostavam de mim, pois viam em mim uma aliada, haja vista o tanto de “cara feia” que elas recebiam e recebem da maioria das mulheres cissexuais que passa pela minha rua. Nós saíamos para jantar, para beber, para dançar depois que estas – as que iam com a minha cara – terminavam seu turno de trabalho. Jantei diversas vezes com Beatriz; ela me contava de seu até então trabalho paralelo na Fundação Oswaldo Cruz, na área de Infectologia, e também me contava sobre suas peças teatrais – ela é a atriz mais famosa deste grupo de três mulheres trans* ativistas

que ensaiavam musicais teatrais. Eu sempre me interessei por seus trabalhos e a encorajava a continuar no teatro, apesar de difícil aqui no Rio de Janeiro, devido ao tanto de pessoas que buscam esta atividade como emprego, e ela tinha uma sensibilidade boa para a roteirização de suas peças. Nos tornamos amigas. Beatriz saiu das ruas (não se prostitui mais, como já foi mencionado) e, embora não viva financeiramente de suas peças teatrais, é o que faz com mais gosto.

Como moradora de uma avenida onde há prostituição constante, eu sempre fiquei ou da janela (moro no quarto andar) ou da calçada mesmo reparando na forma de vida dessas mulheres trans*, na forma como se inter-relacionam, na forma como se relacionam com os clientes, com os passantes. Eu já havia participado de algumas reuniões de caráter feminista sobre construções de manifestações e palestras pelo meu bairro, e de lá conhecia Taís. Lembro de quando Taís chegou ao Rio de Janeiro, com 18 anos, ainda sem ter feito a mamoplastia de aumento; a meu ver, parecia visualmente como um menino gay, mas com cabelo longo e maquiagem. Numa dessas reuniões, Taís me disse que não trabalhava, que só estudava, pois “tinha dois homens ricos” que a sustentavam em troca de seus favores sexuais. Taís estava provocativa nesta noite, e disse para mim e para as mulheres trans* que ali estavam que ela tinha “juventude e beleza, que não precisava trabalhar num salão de beleza como a maioria ali”. Em outra ocasião, também havia me mostrado mensagens no aplicativo Whatsapp de seu celular de homens procurando, financeiramente, por prazer sexual. Curioso sobre Taís é que, na entrevista, ela apenas acena levemente para a prostituição, dizendo que já participou dessa “brincadeira” por um tempo curto; ela não lembrava ou não quis deixar registrado que já tinha me dito que se prostituía noutro momento.

Por último, Wania (a única ali que eu não conhecia, e nem ela a mim) já tinha sua vida bem colocada na política, sendo assessora de um vereador e formada como Pedagoga. Durante a entrevista, me chamou a atenção a fala mais politizada de Wania, que sempre elencou razões e fundamentos políticos em sua argumentação e falava menos de suas experiências pessoais.

Um aspecto interessante da entrevista, como se perceberá na análise no capítulo seguinte, é a linguagem utilizada: apesar de estar numa mesa de bar, um ambiente teoricamente descontraído, o uso da norma “cultura” nas falas foi grande. Elas falavam com

português quase 100% correto – algo que também não é a regra em se tratando de pessoas trans*, devido muitas vezes à falta de acesso à educação. Contudo, quando alguma delas se sentia mais emocionada ou nervosa (acredito isso ser o motivo), acabava incorrendo em falas de acordo com sua variação linguística regional não-padrão, dizendo, por exemplo, frases como “para mim poder” (ver linha 266 no Excerto 3 no capítulo seguinte) em vez de “para eu poder”.

Outra questão de fala que chama a atenção é o fato de elas não se atravessarem, não tomarem o turno de fala uma da outra. Normalmente em conversas cotidianas há muitas breves sobreposições de fala. Porém, as três respeitaram muito os turnos de fala durante a entrevista, resultando numa ausência de sobreposições. Por exemplo, Taís diz (linha 132, ver Excerto 4 no capítulo seguinte): “posso falar agora mais um pouco?”, certificando-se de que Wania tinha terminado de expressar tudo o que queria. Isso é o que Tannen ([1990] 2010) chama de um “estilo conversacional de alta consideração”. Aqui, o fato delas optarem por este estilo pode demonstrar uma certa experiência em falar sobre si para um público que não seja trans*, assinalando positivamente, assim, o bordão “Travesti não é bagunça!”, de Luana Muniz, travesti falecida aos 56 anos, na cidade do Rio de Janeiro.

4. Análise

4.1 A “descoberta” da transexualidade/travestilidade

Conforme foi explicado na metodologia, a entrevista foi realizada com três mulheres trans*, Beatriz, Taís e Wania, no dia 20 de abril de 2018, na Praça São Salvador no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro. Embora meu foco fosse a experiência escolar das três, para “quebrar o gelo”, já que duas das três não me conheciam bem, comecei a entrevista pedindo para elas se apresentarem e me falarem um pouco sobre o processo de se “descobrirem” transexuais ou travestis.

Excerto 1

001	Bianca	então (.) eu queria saber o nome de vocês e idade.
002 003	Beatriz	meu nome é beatriz, tenho trinta e dois anos, sou de ?ass.u, rio grande do norte.
004 005	Wania	eu sou wania, travesti, cearense, tenho vinte e dois anos e sou <u>pedagoga</u> . .hh nasci em fortale:: za mas cresci em sobral, ceará.
006 007 008	Taís	meu nome é taís eu tenho vinte e dois anos, sou nascida em corrente interior do piauí, criada em salvador::, a ↑Capital da <u>bahia</u> e vim para aqui com dezoito anos... quando comecei minha transição.
009 010	Bianca	beatriz, vamos começar por você... em que período você começou a se descobrir beatriz?
011 012 013 014 015 016 017 018 019 020	Beatriz	eu acho que esse descobrimento ↓ =na verdade ele parte do nascimento mesmo do aprender cotidiano = dia a dia= eu acho que isso está interligado(1.0) por isso que eu quero começar com essa frase e falar que travestilidade e transexualidade <u>não é opção</u> , >travestilidade e transexualidade ela é uma coisa interna< = >ela vem de dentro para fora< >então a travestilidade e a transexualidade(.) para ficar bem claro (.) é isso...< opção é outra coisa = ele opta por ser travesti = opta por ser transexual e a minha transição ela surgiu no descobrimento do decorrer do tempo >então ela vem cedo< =<então ela vem mais cedo mesmo>.
021	Bianca	certo. vocês têm alguma coisa a acrescentar?
022 023 024 025 026 027 028 029 030 031	Wania	eu me descobri wania = eu acredito = desde a infância, né(.) fui uma criança trans(.) todas as pessoas travestis e transexuais foram crianças,né... Elas não aprenderam na infância, não foram erotizadas, elas não foram influenciadas por outras pessoas a serem travestis e transexuais, elas foram crianças trans, todas as pessoas travestis e transexuais foram crianças trans, então enquanto uma criança trans a partir de oito a nove anos de idade eu me descobri wania... e aí vivi vários desafios na minha vida, tive acesso à educação pública em escola pública, né(.) e aí foi mais ou menos na infância(.) na infância.
032	Bianca	taís...
033 034 035 036 037	Taís	é:: com nove anos mais ou menos foi a primeira vez que eu disse para alguém que eu não me identificava com o gênero ao qual tinham me designado(.) mas não sei exatamente quando eu comecei a sentir isso(.) mas foi a primeira vez que eu sinalize:i(.) eu falei isso para uma tia minha, e aí o que foi que aconteceu = falei pra ela mas acabou

038		que a gente era muito nova(.) de repente ela pensou que não fosse
039		uma coisa tão séria... eu não voltei a falar também com ela nem com
040		outras pessoas(.) acho que não foi uma coisa que foi dado
041		prosseguimento e foi só uma fala - não foram falas continuadas, entendeu (.)
042	Bianca	teve um dia que você resolveu falar e um dia que você resolveu
043		ficar mais na sua(.)
044	Taís	é (.) eu resolvi ficar mais na minha... eu não falei quando eu comecei,
045		eu comecei com dezoito anos depois que eu vim para o rio de
046		janeiro(.) então só comecei a ser trans <u>aqui</u> no rio de janeiro.
047	Bianca	então dos nove aos dezoito você (1.0)
048	Taís	.hh minha identidade é anterior à transição,é uma identidade
049		masculina...
050	Bianca	e devia ser difícil, porque se você por dentro sentia (1.0)
051	Taís	é (.) /.../

As três entrevistadas têm muita consciência de que estão falando para um público acadêmico e, desde o início, procuram (e conseguem) demonstrar conhecimentos além dos político-sociais, como no caso da terceira entrevistada, Taís, na linha 007, já tendo ouvido a apresentação das duas anteriores, procura dar maiores informações. Ela enfatiza que Salvador é a capital do estado da Bahia, talvez procurando ressaltar que foi criada numa capital, apesar de ter nascido numa cidade do interior do Piauí.

Nas linhas 011 a 020, Beatriz responde à minha pergunta sobre quando “começou a se descobrir Beatriz”. O mais interessante aqui é que ela não me conta a história de como se descobriu, pelo menos não de maneira específica – ela aproveita para dar uma “aula” ao público acadêmico sobre como ser trans* não é opção, assim lutando contra estereótipos frequentes na sociedade. Ciente de que eu sou acadêmica e de que minha pesquisa servirá à universidade, ela parece querer oferecer uma introdução para este público, o público acadêmico. Faz, então, um prefácio para guiar como a sua história de vida será interpretada depois por este público, e mostra, ainda, que está preocupada com como ela e outras pessoas trans* serão vistas a partir do que ela fala. É notável, também, onde fala da travestilidade e transexualidade (linha 14) a mudança de volume nas palavras “não é opção”, assim enfatizando a mensagem que quer passar para mim e para o público acadêmico.

Já nas linhas 019 a 020, insistindo que a descoberta “[...] vem cedo< =<então ela vem mais cedo mesmo>.”, ela age de maneira dupla ao entextualizar (BORBA, 2016, p. 39) o discurso médico como sendo seu discurso de vida. Conforme assinalado por Borba (2016, p. 34):

O diagnóstico exigido pelas normativas que regem o Processo Transexualizador no SUS é baseado nos critérios avaliativos preconizados pela Organização Mundial de Saúde em seu Código Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) e pela Associação Americana de Psiquiatria em seu Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM). Em ambos os documentos, a transexualidade é categorizada como uma patologia psiquiátrica: no CID-10 ela é classificada como um transtorno da personalidade e do comportamento adulto.

Uma das exigências do diagnóstico é que a pessoa transexual “deve haver evidências de uma forte e persistente identificação com o gênero oposto” desde a infância (Associação Americana de Psiquiatria, 1994, p. 532 apud BORBA, 2014, p. 81). Para Beatriz, a pessoa transexual precisa se afirmar trans* desde cedo para ser aceita como tal, acatando o modo linguístico do diagnóstico exigido pelo SUS que rege o Processo Transexualizador. Digo que ela entextualiza, pois, ela retira recursos semióticos do contexto médico e os materializa em sua própria ação social. Mesmo se isso não é a vivência real de todas as pessoas transexuais, é uma das exigências da medicina.

A seguir temos a fala de Wania. Uma vez que Beatriz já explicou certas coisas, sempre preocupada em combater estereótipos, Wania explica as novidades – a situação particular das crianças trans*. Como Beatriz, ela fala menos de si mesma e se concentra mais em combater estereótipos frequentes na sociedade, por exemplo, que crianças trans* “ficaram assim” porque foram abusadas na infância: “não foram eroti↑zadas, elas não foram influenciadas por outras pessoas a serem travestis e transexuais, elas foram crianças trans” (linhas 24 a 26). Por outro lado, ao insistir que “todas as pessoas travestis e transexuais foram crianças trans” (linhas 26 a 27), ela reforça a ideia de que toda pessoa trans* foi trans* desde a infância, não reconhecendo, deste modo, a possibilidade de alguém se descobrir trans somente na idade adulta. Isso dialoga com a ideia dos “dispositivos” foucaultianos, apresentada por Borba (2016, p. 39):

dispositivos são “um conjunto heterogêneo de práticas discursivas e não discursivas que possuem uma função estratégica de dominação. O poder disciplinar obtém sua eficácia da associação entre discursos teóricos e práticos” (FOUCAULT, 1979/2013:364). Os dispositivos são, assim, a rede que se pode estabelecer entre “discursos, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1979/2013:364) que capturam indivíduos, assujeitando-os como determinados tipos de sujeitos.

Assim, mesmo que Wania intente desmitificar estigmas, ela acaba caindo nos emaranhados dos “dispositivos” foucaultianos (BORBA, 2016, p. 39). Sabemos que Wania foi (e é) militante política e assessora parlamentar, e seu discurso, impregnado de certezas sobre a transexualidade, acaba por solidificar modelos de identidade que atendem ao assujeitamento das pessoas trans* calcado no linguajar de autoridade médico.

É importante notar que, nas linhas 029 a 030 (“tive acesso à educação pública em escola pública”), Wania faz questão de ressaltar que teve acesso à Educação, combatendo o estereótipo da pessoa trans* não ter estudos. Wania, mais incisiva, sendo Pedagoga e uma militante a favor da Educação Pública, faz questão, com orgulho, de dizer que estudou numa instituição pública.

Das três, como dito anteriormente, Taís é quem mais fala de sua experiência própria. À diferença das outras duas entrevistadas, ela não torna seu turno de fala algo mais generalizado e preocupado com certas mensagens políticas. Elenca sua experiência como ela própria como uma ação socialmente política. Nas linhas 033 a 034, ela afirma: “com nove anos mais ou menos foi a primeira vez que eu disse para alguém que eu não me identificava com o gênero ao qual tinham me designado”. Assim, já em tenra idade, Taís reconheceu que era transexual; sua fala sobre sua experiência própria confirma as afirmações de Beatriz e Wania sobre as pessoas transexuais saberem da sua identidade de gênero desde a infância. Taís, desde o início, com o seu tom de voz envolvente, atraente, cheio de magnetismo, com seu jeito de performar para o gravador, observando minuciosamente o que as outras duas entrevistadas haviam dito, parece procurar mostrar-se como alguém que descobriu sozinha – sem apoio político ou socializador (como veremos mais a seguir), ela se descobriu por meio da escola, da ficção, da literatura (linhas 51 a 62). Ela não procura generalizar sobre as experiências das pessoas trans*; ela conta sua história e isto a basta. Entretanto, seu discurso é, claramente, politizado, pois usa termos como “não me identificava com o gênero ao qual tinham me designado” (linhas 34 a 35). Ela é uma pessoa politizada e transfeminista, como as outras duas, mas opta por falas mais pessoais e poéticas, talvez até mesmo por ser, ela, uma escritora. Me admiro por ela se narrar desta maneira, ao meu ver, uma maneira extremamente bela.

Na linha 046, Taís afirma “só comecei a ser trans aqui no rio de janeiro”. A subida de volume, enfatizando a palavra “aqui”, sinaliza um momento importante de mudança

na sua vida. Também é interessante o fato de ela dizer “ser” em vez de “me visibilizar” ou “me comportar como”, como se antes de se mudar para o Rio de Janeiro ela não fosse já uma pessoa trans*. Mas o fato de já ter sentido algo na infância contribui para ela se “legitimar” enquanto pessoa trans*. Isso pode refletir discursos médicos (diagnóstico) que insistem que pessoas trans* devem ter sentido que pertenciam ao sexo “oposto” desde a infância.

Pois bem, eu fui para esta entrevista não muito segura de mim, do que eu iria perguntar, porém, no decorrer das falas das entrevistadas, senti-me num ambiente positivo, percebi que elas eram ainda mais conscientes de suas narrativas do que eu imaginava. Para além de me responderem perguntas provavelmente tortuosas, elas foram me guiando para algo que senti profundo no coração: a possibilidade de êxito escolar entre a população transexual/travesti.

4.2 Relação com a família

Tomada, eu, do sentimento de estar num ambiente positivo, mencionado ao final da seção anterior, tento abrir espaço para as três entrevistadas falarem de suas famílias, de suas relações familiares.

Excerto 2

063 064	Bianca	posso te perguntar uma coisa(.) é:: geralmente na histórias que eu ouço desse tipo são poucas, você sabe, né, é: positivas assim, e sua família?
065 066	Taís	então, eu vou terminar a faculdade e depois eu vou voltar a morar com minha família.
067 068	Bianca	não, não(.) a sua família na sua transição, eles te apoiaram:: não te apoiaram?
069 070 071	Taís	eu quis dizer isso porque no momento eles me apoiam, né:: >anteriormente minha mãe já teve alguns problemas assim, mas sempre me apoiaram, até hoje minha mãe me ajuda<
072	Bianca	uma pergunta que também é chata de fazer(.) vocês têm pai e mãe?
073 074 075 076 077 078 079 080	Wania	sim. Meu pai tem quarenta e oito anos, minha mãe tem cinquenta e um(.) meu pai é pedreiro, né = mexe da construção civil = pesca = foi agricultor = foi fazendeiro, né... hoje em dia a gente não tem mais aceitação lá no sertão mas a gente tá seguindo a vida e minha mãe é dona de casa, analfabeta, os dois são analfabetos = é analfabeto = a única pessoa escolarizada que teve acesso ao ensino superior <u>fui eu</u> enquanto <u>única travesti</u> também da família(.) = então a única travesti da família(1.0) travesti:: escolariza::do com ensino superior concluído tudo

081	Wania	em <u>escola pública</u> (.)
082		<u>universidade pública</u> ...
083	Bianca	fantástico.posso voltar uma pergunta pra você(.) é:: a profissão dos seus
084		pais?
085	Taís	então, >minha mãe é cabeleireira e meu pai é trabalhador
086		informal mas eles nunca foram casados<. também que minha
087		mãe foi uma mãe solteira então fui criada por ela que era
088		cabeleireira.
089	Bianca	eles tinham interesse de leitura(.) intelectualidade?
090	Taís	minha mãe teve depo::is de mim, eu inseri na vida dela esse gosto pela
091		leitura.

Excerto 3

264	Wania	eu tinha treze anos. e aí eu me empoderei por causa dos movimentos
265		sociais, né = discutir feminismo trans = marxismo, capitalismo = essas
266		coisas para mim poder ir ao ponto de chegar o dia que eu e minha mãe se
267		revoltamos dentro de casa de tanto apanhar e a gente pegou um pedaço
268		de pau e meteu a porrada no meu pai = já que ele queria bater a gente
269		também ia se defendendo (1.0) nós duas vivemos violência doméstica,
270		duas mulheres. e até hoje eu não consegui perdoar ele↓ a gente bebe
271		cachaça junto... ele estava até doente e eu liguei para ele semana
272	passada↓ sempre teve muito café da manhã, almoço e janta em casa mas	
273	sempre foi muito violento.	
274	Bianca	você procurou conversar com ele em algum momento da sua vida sobre
275		tudo isso?
276	Wania	ele chora o tempo todo↓ pedindo que eu perdoe ele↓ mas eu não consigo
277		esquecer ainda↓
278	Bianca	ah, ele só quer o perdão, ele não quer conversar...
279	Beatriz	conversar essas coisas entre nós é diferente, eu te conheço, sei que você é
280		da luta como nós...
281	Wania	pois é↑ conversar com você é uma coisa simples(.) mas eu não consegui
282		perdoar ele ainda (.) .hh eu espero que ele não morra até eu conseguir
283		perdoar↓ ↑Não quero que ele morra(.) eu não desejo a morte de
284		ninguê::m(.) nem das pessoas transfóbicas, que ↑todos os dias querem
285		nos matar↓ ↑eu quero aprender a respeitar a vida das pessoas e que as
286		pessoas possam viver as suas vidas.

Nas linhas 63 e 64 eu enfatizo a experiência de Taís, que foi bastante positiva no que diz respeito à escola e, assim, diferente da narrativa hegemônica da sociedade: “posso te perguntar uma coisa(.) é:: geralmente na histórias que eu ouço desse tipo são poucas, você sabe, né, é: positivas assim, e sua família?”. E ela me responde (linhas 70 e 71) algo extremamente animador: “>anteriormente minha mãe já teve alguns problemas assim, mas sempre me apoiaram, até hoje minha mãe me ajuda<”. Taís e sua mãe ultrapassaram as fissuras possíveis subjacentes à condição de pessoa trans* de Taís. Sua mãe, uma

mulher cissexual e heterossexual, a acolhe, há trocas, há entendimento mútuo, há aceitação, algo que valida e vivifica a relação das duas. Nas linhas 90 e 91, Taís aponta que ela mesma inseriu o gosto pela leitura na vida de sua mãe: “minha mãe teve depo::is de mim, eu inseri na vida dela esse gosto pela leitura.” Observamos aqui o quão importante foi a aceitação familiar no caso de Taís criando, para ela e sua mãe, uma nova “matriz de inteligibilidade”, um conceito proposto por Butler e apropriado por Ranniery (2017).

De acordo com Ranniery (2017, p. 12):

[...] se não têm dúvidas quanto a não se sentirem exclusivamente pertencentes a uma linha coerente que conecta sexo-gênero-desejo, têm muitas inquietações quanto àquilo que imaginam que podem ser no interior de uma matriz de inteligibilidade, que mesmo cheia de fissuras, trabalha para encerrar possibilidades.

Mesmo este artigo estar tratando mais do tema “escola”, nele percebemos a importância do reconhecimento destes corpos tidos como desviantes dentro e *fora* do ambiente escolar, e é isto o que vemos na resposta de Taís: um denominador comum de reconhecimento dentro do ambiente familiar que encerra possibilidades, mas que as deslinda também.

Wania, que já não teve esse apoio familiar, destaca a força de sua conquista e seu orgulho de ter alcançado tudo através do sistema público de educação (nas linhas 79, 80, 81 e 82), uma vez que não somente é a primeira pessoa escolarizada da família, também é travesti com educação superior: “[...]a única pessoa escolarizada que teve acesso ao ensino superior fui eu enquanto única travesti também da família(.) = então a única travesti da família(1.0) travesti:: escolariza::do com ensino superior concluído tudo em escola pública(.) escola pública(.) universidade pública...”. A ênfase nas palavras “fui eu”, “única travesti”, “escola pública” e “universidade pública” serve para destacar quanto é raro este tipo de conquista e a importância do ensino público na sua trajetória.

De fato, a experiência de Wania difere muito da de Taís. Sua família foi e é assolada por problemas de machismo cisheteronormativo, como vemos da linha 269 até a 273, onde fala da relação da mãe e filha (Wania) com o pai: “[...]nós duas vivemos violência doméstica, duas mulheres. e até hoje eu não consegui perdoar ele↓ a gente bebe

cachaça junto... ele estava até doente e eu liguei para ele semana passada↓ sempre teve muito café da manhã, almoço e janta em casa mas sempre foi muito violento.” Ao dizer “nós duas vivemos violência doméstica, duas mulheres”, Wania quebra o binário cissexual/transsexual, frisando como a experiência da violência doméstica pode afetar todas as mulheres.

Beatriz, por outro lado, não tem muitos turnos de fala acerca de sua relação com a família. Todavia, existe empatia ao ouvir as colegas. Nas linhas 279 e 280 ela contribui para e ratifica a fala da colega: “conversar essas coisas entre nós é diferente, eu te conheço, sei que você é da luta como nós...”. Estruturalmente, a maior parte da entrevista é pergunta da pesquisadora e resposta da entrevistada a quem a pergunta foi direcionada; porém, em momentos como este, uma das entrevistadas quebra este padrão para mostrar apoio e ratificar a fala da outra.

4.3 As conquistas escolares e profissionais

Minhas três entrevistadas tiveram conquistas profissionais que muita gente no Brasil, independente da orientação sexual, não tem. A sintomática violência e negação de seus corpos em ambiente escolar não as fizeram esmorecer, mesmo tendo em conta a estratosférica gama de violações pelas quais passaram. Elas são professoras, pesquisadoras, atuam no ramo musical, trabalham como professoras, têm papel ativo na política.

Excerto 4

050	Bianca	e devia ser difícil, porque se você por dentro sentia (1.0)
051	Taís	é (.) eu acabei <u>vivendo</u> no mundo da literatura, da leitura, estudei muito >eu
052		estudei numa escola em teresina no instituto dom barreto particular onde
053		minha tia era professora, enfim, mas era uma escola que tu ficava entre as
054		cinco principais do enem< (.) a nota ficava entre as cinco maiores no enem
055		= >uma escola muito boa e eu era uma aluna destaque< = >passei em
056		primeiro lugar na universidade uerj em história da arte = e tou aí cursando,
057		terminando o curso... então, como eu dedicava meu tempo todo à questão da
058		intelectualidade, do estudo... eu acabei me destacando muito na na escola e
059		até hoje = assim = tipo = <minhas notas na faculdade são muito boas, eu
060		tenho bolsa, laboratório de música> (.) eu sou professora de literatura, então
061		assim, eu me desenvolvi muito intelectualmente mesmo com essa
062		dificuldade, com essa trava (.)
		((linhas omitidas))

090 091	Taís	minha mãe teve depo::is de mim, eu inseri na vida dela esse gosto pela leitura.
092	Bianca	de onde vem esse gosto?
093 094 095 096 097 098 099 100 101 102	Taís	vivendo a minha identida::de eu tava voltando mesmo nesse mundo da ficção que é um mundo que abre possibilidade não só para você ir para outros lugares através da leitura quanto através da escrita onde eu podia também ficcionalizar, inclusive eu escrevi um roma:nce que eu acabei de terminar e assim = ele diz muito sobre o momento de hoje = eu encontrei no e-mail de dois mil e doze assim= >quando eu tinha quinze anos< .hh o texto tá com mais de cem páginas que é a palavra de uma personagem que se assemelha muitas coisas que eu faço hoje = <era uma cartomante> (.) eu também jogo cartas(.) ela era puta(.) eu também... atualmente não sou puta mas também já tive uma pequena experiência(1.0)
103	Bianca	teve uma putaria(1.0)
104	Taís	é (.) eu já vivi um pouco essa brincadeira...
105	Beatriz	eu já tive vá::rias(.) nessas experiências eu sou a rainha .hh
106	Wania	ela é a rainha↑.hh beatri::z::↑.hh
107	Bianca	beatriz, você chegou no rio com quantos anos?
108 109 110 111 112 113	Beatriz	treze, catorze anos. foi uma experiê:ncia muito <tranquila> porque eu já era travesti(.) eu já tinha rodado o sertão, passado em alguns setores(.) e tinha uma co::isa de querer sair de casa(.) = sim tava entranhado dentro de mim de alguma forma de eu ir atrás dessa sobrevivência que eu queria fugir dessa nã:o aceitação:o = dessa situação na qual a gente estamos falando aqui hoje.
114	Bianca	por que rio?
115 116 117	Beatriz	o rio era pra ser um lugar de passagem (.) para que eu fosse para um outro lugar depois (.) então eu vim passar, digamos três meses e fiquei a eternidade... hh até hoje... hh até agora... hh
118	Bianca	e você, wania, por que rio?
119 120 121 122 123 124 125	Wania	(.) ah .hh sempre gostei muito de política desde a adolescência me envolvi com política movimento social na escola... no grêmio estudantil da universidade eu fui me construindo um ativista, né... instituições como a prefeitura e tal como também na rua = <também na rua> = na revolução = na rua = na base e aí fui convidada pelo ((diz o nome de um partido político de esquerda)) estou aqui no rio trabalhando = construindo um partido e também para desconstruir ele hh é uma construção desconstruída hh
126	Bianca	e você trabalha pro ((diz o nome de um partido político de esquerda))?
127	Wania	sim, eu sou assessora parlamentar do vereador((diz o nome do vereador))
128 129 130	Bianca	ah, você é assessora... claro que você é assessora, você é famosa hh agora que eu tou lembrando da pessoa, ah, meu deus, eu imaginava que você fosse mais velha, pelas histórias que eu lia, parabéns↑
131	Wania	brigadu::
132 133 134 135	Taís	posso falar agora mais um pouco? eu vim para fazer a uerj (.) universidade do estado e também gosto muito de funk (.) sempre fui funkeira (.) hoje eu sou DJ de funk (.) produzo músicas... músicas do laboratório de música da uemg também.
136	Bianca	não tem funk onde você morava?
137 138	Taís	tem, mas mais do funk paulista também, mas eu não vim pra isso não, é mais um charmezinho que a cidade me dava hh

Taís, em resposta a meu comentário sobre como seu trajetória deve ter sido difícil (linha 50), observa que ela vivia “no mundo da literatura, da leitura” (linha 51) numa

tentativa, bem sucedida, de “fugir” da realidade, que lhe era drástica. Taís ressalta que ela não somente teve acesso à educação, mas que estudou em lugares bem conceituados (linhas 52 a 54): “>eu estudei numa escola em teresina no instituto dom barreto particular onde minha tia era professora, enfim, mas era uma escola que tu ficava entre as cinco principais do enem<”. Já na linha 55, ela afirma seu êxito de aluna muito boa: “= >uma escola muito boa e eu era uma aluna destaque<”. Das linhas 56 a 60, Taís termina seu turno de fala elencando sua conquista acadêmica com orgulho: “>passei em primeiro lugar na universidade uerj em história da arte = e tou aí cursando, terminando o curso... então, como eu dedicava meu tempo todo à questão da intelectualidade, do estudo... eu acabei me destacando muito na na escola e até hoje = assim = tipo = <minhas notas na faculdade são muito boas, eu tenho bolsa, laboratório de música>”. Assim, Taís se constrói como aluna excelente não somente na escola, mas também na universidade. A grande quantidade de detalhes contribui para legitimar e reforçar a performance identitária de boa aluna. Desta maneira, Taís rompe novamente com estereótipos sobre pessoas trans* terem pouca educação e só trabalharem como prostitutas.

Ela passou em primeiro lugar na UERJ, e isto é apenas um dos passos de sua contemplação enquanto profissional. Taís já se prostituiu, eu já a vi durante cerca de um ano com frequência conversando com outras prostitutas na rua e ela já me contou que tem clientes fixos e por isso não precisa ficar na rua. Porém, na entrevista, ela prefere enfatizar outras coisas – ela performa para o público acadêmico provavelmente para tentar combater estereótipos: “atualmente não sou puta mas também já tive uma pequena experiência(1.0)” (linha 102). Ela rompe com a norma, assinala que foi “uma pequena experiência”. Na linha 104, ela diz: “é (.) eu já vivi um pouco essa brincadeira...”. Taís não chama de profissão, expressa que foi uma brincadeira.

Nas linhas 132 a 135 Taís elenca mais uma conquista profissional. Além de professora, ela trabalha como DJ: “eu vim para fazer a uerj (.) universidade do estado e também gosto muito de funk (.) sempre fui funkeira (.) hoje eu sou DJ de funk (.) produzo músicas... músicas do laboratório de música da uemg também.” Assim, ela mostra a diversidade de suas conquistas profissionais e de seus interesses.

Na linha 107, eu pergunto, agora me dirigindo a Beatriz: “beatriz, você chegou no rio com quantos anos?” e ela me responde (linha 108): “treze, catorze anos. foi uma

experiência muito <tranquila>”. Novamente ela provavelmente está preocupada com sua performance para o público acadêmico, pois em outros momentos ela já havia dito que não foi tão tranquilo assim. Já nas linhas 109 a 113 ela prossegue: “eu já tinha rodado o sertão, passado em alguns setores(.) e tinha uma coisa de querer sair de casa(.) = estava entranhado dentro de mim de alguma forma de eu ir atrás dessa sobrevivência que eu queria fugir dessa situação = dessa situação na qual a gente estamos falando aqui hoje.” Notamos aqui sua independência, sua vontade entranhada de sair de casa, viajar sozinha, ser quem ela é. Mais adiante (linhas 168 e 169), Beatriz afirma: “eu trabalho na Fiocruz, na Fundação Oswaldo Cruz no Instituto Nacional de Infectologia. Sou assistente de pesquisa e também sou recrutadora”. Assim, Beatriz nos mostra a importância de suas conquistas: é pesquisadora e também recrutadora de um exímio Instituto de Infectologia.

Nas linhas 119 a 125 temos Wania: “o rio (.) ah .hh sempre gostei muito de política desde a adolescência me envolvi com política movimento social na escola... no grêmio estudantil da universidade eu fui me construindo um ativista, né... instituições como a prefeitura e tal como também na rua = <também na rua> = na revolução = na rua = na base e aí fui convidada pelo ((diz o nome de um partido político de esquerda)) estou aqui no rio trabalhando = construindo um partido e também para desconstruir ele hh é uma construção desconstruída hh”. Demonstra, em sua fala, seu papel ativo na política, construindo sua performance identitária de ativista. Wania tem um saber notório acerca do que está lhe falando. Vale a pena lembrar também que Wania, logo no início da entrevista (linha 004, ver Excerto 1), anunciou: “eu sou wania, travesti, cearense, tenho vinte e dois anos e sou pedagoga”, assim estabelecendo sua identidade profissional – pedagoga – uma profissão pouco comum na população trans* devido às dificuldades de entrar na universidade, permanecer e se formar.

São três exemplos de não conformação à expulsão escolar delineada pelo sistema cisheteronormativo, são três exemplos de pessoas gigantes que saíram da prostituição, que galgaram trabalhos fora deste ramo. Exemplos que, espero, possam acenar para uma esperança positiva que chegue às pessoas trans*, que as ajude a não desalentar. Na seção seguinte, aprofundarei a discussão de porquê elas conseguiram ter êxito escolar enquanto tantas outras pessoas trans* não conseguem permanecer na escola.

4.4 A experiência escolar e universitária

Nesta parte, temos mais evidências das experiências exitosas de minhas entrevistadas, não sem atravessarem vários percalços. Elas participaram de muitos eventos históricos em suas vidas, experiências estas que são tanto individuais como coletivas, de todo modo, elencam um mosaico de possibilidades bem-sucedidas e exemplares para que pessoas trans* possam se espelhar para continuar dentro das instituições escolares e para que as próprias instituições possam entender melhor alguns fatores que contribuem para a permanência desses/as alunos/as.

Excerto 5

139 140 141 142 143 144 145	Bianca	sim, mais um <u>charmezinho</u> ... então, quando vocês eram garotas, mais jovens ainda hh => você tá contando a história e as dificuldades dos tempos em que vocês passaram< => anos de faculdade< (.) Mas antes disso (.) >na <u>educação básica</u> = essa é a minha pesquisa, né (.) eu tô focada nas crianças pequenas e adolescentes (.) qual foi a sua experiência beatriz, primeiro na escola, quando você era pequena, lá na sua cidade natal em relação à sua alma, à sua sexualidade?
146 147 148 149 150 151 152 153	Beatriz	em relação com a escola foi completamente bendita por eu ser bem acolhida = bem aceita na escola = por as pessoas principalmente gostar de mim mesma, porque na <u>maioria</u> dos casos da <u>pessoa travesti</u> (.) >essa pessoa trans é totalmente o contrário< = é uma forma de de agressões, de violência de <u>pura transfobi:a</u> < = <glomera tudo dentro de uma mesma situação e faz com que isso torna-se uma tradição com que> (.) >com que essa pessoa seja levada à exclusão e levada até à prostituição<.
154	Bianca	porque você foi bem aceita? e acolhida?
155 156 157 158 159 160 161 162 163	Beatriz	eu acho que porque eu já era eu sou (1.0) essa coisa = eu fui sempre fui muito sempre política na minha cidade então por eu ter parte por essa questão política também que tem dentro da cidade eu já era bem (1.0) eu já tinha bom acolhimento da própria cidade então eu nunca sofri violências também dentro de escola por minha transição... é o caso <u>oposto</u> da grande maioria (1.0) a grande maioria ela não se aceita... a grande maioria, digamos oitenta por cento e noventa por cento das pessoas travestis e trans elas são <u>expulsas</u> das escolas por questões de <u>gênero</u> mesmo por ela ser travesti.
164	Bianca	simplesmente por isso?
165	Beatriz	por isso.
166 167	Bianca	você já ouviu algum relato, de alguma pessoa ter que sair da escola porque tá se sentindo envergonhada...
168 169 170 171	Beatriz	eu trabalho na fiocru:z, na fundação osvaldo cruz no instituto nacional de infectologia. sou assistente de pesquisa e também sou recrutadora e eu recruta essas pessoas e a partir da escuta dessas pessoas que eu tô te falando isso (1.0)
172	Todas nós	(3.0)
173 174 175 176	Beatriz	elas são <u>xingadas</u> , elas são <u>violentadas</u> fisicamente (1.0) só porquê é travesti = ela chega na escola ela é chamada de traveco, ela ouve “vai para lá seu cabra macho, seu homem, seu macho safado, vai virar homem” (.) aí ela vai reclamar com professor e o professor pede para

177 178 179 180 181 182 183		travesti ficar calada porque o coleguinha está correto porque a travesti é um homem daí vai pra direção, para gestão maior, e a direção bota para casa (.) você chega em casa o pai pergunta porque você veio para casa (.) “saiu da escola porquê?” (.) ainda não falaram em casa “porque eu sou travesti, pai” (.) porque se o pai souber, ele dá uma surra nessa pessoa (.) então a situação de travesti nesse país é isso (.) é esse não entendimento, <u>compreensão</u> e essa TRADIÇÃO de violência.
184 185 186 187	Bianca	wania, quando você era pequena (.) você lembra de algum motivo (.) você tinha alguma amiga trans também↑ ou era só você↑ você lembra de sofrer alguma violência(.) alguma violação dos seus direitos enquanto criança pequena?
188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208	Wania	então(.) <eu tive acesso à educação básica mais especificamente educação infantil e ensino fundamental em escola pública no interior de sobral no ceará> >e aí o nordeste todo é um estado muito tradicional para a ação de violência trans(.) envolvendo pessoas(.) envolvendo a não liberdade de se estar no mundo, né:: < tanto de pessoas negras,né(.) pessoas vivendo com deficiência(.) pessoas vivendo com hiv(.) as pessoas negras, né:: o racismo(.) gordofobia e principalmente travestis e transexuais essas outras categorias de existir e que são discriminadas,né(1.0) Eu falei que elas <u>não vivenciam</u> preconceito do modo que uma <u>pessoa trans</u> vivencia... o que é negado à pessoa trans é o direito à vida... é negado o direito de vestir a ro:upa que ela que:r, ela que:r um nome social e é nega:do... na educação de crianças(.) na educação infantil e fundamental(1.0) mas eu vivi constantes situações de discriminação::o, de humilhação:o, de debo:che, preconceito(1.0) >quem me apoiou foram as professoras mulheres e eu vi <u>várias</u> agressões no banheiro< (.) eu via exploração sexual na escola (1.0) grupos de meninos tendo o intuito de negar uma travesti(.) de não deixar eu existir (.) diziam: “olhe, você vai ter que virar homem, bora, eu vou já te ensinar”(.) vinham e botavam chiclete no meu cabelo(.) metiam a porrada em mim... eu chegava em casa toda batida,né(.) o rosto inchado e tal e minha família ignorava porque diziam que infelizmente era viver daquele jeito que eu tinha escolhido...
209	Bianca	você disse que teve professoras legais...
210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234	Wania	é, mulheres professoras foram as que me ajudaram na escola(.) os que eram homens discriminavam o uso do meu nome social(.) me humilhavam(.) diziam que eu era o °baitola viado safado° como a beatriz mesmo falou(.) então é bizarro, sabe, a escola... eu sou uma jovem hoje em dia travesti formada em pedagogia(.) ainda sofrendo assim(1.0) tem o paulo freire e vários outros pensadores, né(.) também... e aí eu acredito que a questão da liberdade ela deve disputar a narrativa que se tem hoje em dia na escola porque a escola <u>ainda é</u> um dos mais maldito lugar que uma travesti, um homem trans, pessoas trans, lgbt pode passar na vida(.) pessoas negras pessoas, pessoas com deficiência, hiv, a <u>escola é uma instituição dominada</u> por certo poder °que quer matar vidas°(.) o que se constrói a partir da visão de liberdade hoje é o que a escola repudia dizendo que é errado(.) ela mantém a <u>reprodução do preconceito tradicional medieval</u> na vida das pessoas... a escola é conservadora e infelizmente mata muitas pessoas(.) ela faz você ir embora, ou seja, não é uma evasã::o escola::r(.) é uma EXPULSÃO(1.0) aí tem uma pesquisa de que foi divulgada em 2017 e ela mostra que dentro do estado do rio de janeiro, a partir de um projeto com 1000 pessoas trans ela mostra que setenta e oito por cento de pessoas trans não estão na educação básica de ensino fundamental(.) não tem até o ensino fundamental, não estão na educação infantil e fundamental e isso significa que setenta e oito por cento não estão no ensino médio(1.0) é uma <u>negação</u> de <u>mais</u> da metade do acesso dessas pessoas e aí tem várias questões(.) nós não temos direito do nome social... agora que já tá assim caminhando algumas situações devido ao supremo tribunal de justiça... e a negação do nome

235		social é uma situação muito forte que caminha para a negação de todos
236		os direitos à educação, saúde, justiça, assistência social (1.0). o uso do
237		banheiro também↑ eu queria perguntar se em casa a gente tem banheiro
238		para homem e para mulher divididos(.) lá em casa tem um banheiro só
239		pra todo mundo então por que essas instituições insistem em padronizar
240		que existe dois gêneros apenas e que esses gêneros masculino e feminino
241		é baseado no órgão sexual das pessoas (1,0). isso é uma situação que eu
242		repudio hoje em dia o formato da escola pública e da privada também e
243		repudio o formato da universidade pública e privada ainda que existam
244		ações contra a discriminação e discussão de gênero e tudo mais... mas
245		quem está lá são corpos lésbicos e gays(.) não somos nós <u>travestis</u>
246		<u>transexuais</u> complementan::do a discussão, ajudan::do a discutir dentro
247		do lugar onde o problema se constrói(.) ele é produzido porque é negado
248		a noventa por cento das travestis e transexuais o acesso à universidade e,
249		se tem acesso, a permanência é difícil devido a constantes humilhações,
250		preconceito, discriminação e violação dos direitos a essas pessoas dentro
251		do espaço escolar. o que resta é ir para prostituição, tá na rua, na esquina,
252		para poder sobreviver e a culpa é de quem tá na sociedade que nega o
253		acesso aos direitos.
254	Bianca	voltando à educação básica(.) você é pedagoga(.) você lembra de alguma
255		situação ou de várias situações onde você passou por alguma violação de
256		seus direitos... algo que te marcou que você não entendia pois você era tão
257		pequena, tão criança, que você se perguntou o que que tá acontecendo?
258	Wania	eu lembro, lembro que eu sofri(.) vinham meter a porrada em mim na
259		escola, né = me bateram na escola = eu cheguei em casa e a minha mãe
260		me escondeu atrás dela pro meu pai não ver que e aí ela ficou na minha
261		frente aí ela apanhou e eu apanhei = as duas apanharam = foi o episódio
262		mais triste da minha vida aí depois eu me empoderei...
263	Bianca	quantos anos você tinha?
264	Wania	eu tinha treze anos. e aí eu me empoderei por causa dos movimentos
265		sociais, né = discutir feminismo trans = marxismo, capitalismo = /.../
		((linhas omitidas nas quais Wania fala de violência doméstica na sua
		família – ver Excerto 3 acima))
287	Bianca	muito bem... taís, você lembra de <u>algum</u> episódio na sua infância,
288		na educação básica, em que você não entende::u o que estava
289		acontecendo, que você sofreu preconceito e você não sabia o que tava
290		acontecendo?
291	Taís	eu já passei por dive::rsas situações assim <u>dentro</u> da escola (.) situação de
292		exclusão (.) eu me sentia mais enturmada com as meninas (.) eu brincava
293		de boneca com elas...
294	Bianca	as meninas não te rejeitavam?
295	Taís	não. eu era amiga das meninas (.) com os meninos era horrível (.) eu
296		sofria violência dos meninos↓ mas as meninas me acolhiam (.) era amiga
297		delas. engraçado que depois que eu fiz a transição eu perdi a maioria das
298		minhas amigas por transfobia mesmo...
299	Bianca	sério? e qual a análise que vocês fazem disso?
300	Beatriz	elas queriam uma amiga <u>gay</u> afemina::da (.) não uma travesti.
301	Taís	porque (.) ah ah .hh o próprio feminino = as próprias mulheres↑ muitas
302		vezes reproduzem um estereó::tipo de feminilidade que é prejudicial (.) que ela
303		reproduzido um estereó::tipo de feminilidade que é prejudicial (.) que ela
304		hipersexualiza a figura da mulher,né (.) acrescentando no seu corpo
305		aquilo que hipersexualiza porque elas vão dizer “a mulher não é feita
306		mulher por causa do cabelo grande (.) mulher não é feminilidade = a
307		mulher pode ser masculina = mulher pode ter peito muito pequeno =
308		pode ter o cabelo raspado e muitas vezes elas gostam assim... e tem a
309		amarra da travesti com a prostituição... e aí depreciam, né (.) acham que
310		é uma coisa negativa (.) que é um caminho errado (.) que não é um

311		caminho do feminismo quando na verdade são os nossos corpos que estão ali na linha de frente do feminismo,né (.) sobrevivendo diretamente com esses machos que procuram programa... enfim (.) que são justamente os homens da sociedade,né... nos momentos de tesão deles em que eles estão procurando sexo eles vêm até nós.	
312			
313			
314			
315			
316	Wania	eu queria comentar rapidinho porque:: (.) >eu na minha experiência de estar trabalhando na política e ver a votação dos projetos de lei< (.) >a votação da política mesmo que envolve projeto de lei em tudo e eu lembro que a gente tava votando no passado (.) dois mil e dezessete (.) aqui na câmara municipal do rio e foi tentar passar o pl do dia do orgulho de ser travesti e transexual, né (.)< que é um projeto de lei para instituir no calendário oficial do município da cidade do rio de janeiro (.) e vários vereadores manifestando contra (.) fazendo discurso de ódio (.) apologia à tortura (.) à ditadura (.) coisas absurdas e esses mesmos↑ homens, né (.) <u>senhores</u> proprietários <u>brancos</u> classe média (.) .hh o patriarcado (.) esses homens todos reunidos são os mesmos que usam nossos corpos à noite nas esquinas nas madrugadas, né escondidos usam nossos corpos em troca de sexo e prazer eh eh eh durante o dia negam o nosso direito à cidadania.	
317			
318			
319			
320			
321			
322			
323			
324			
325			
326			
327			
328			

Quando perguntada por mim (linhas 143 e 144) sobre sua primeira experiência na escola ainda quando pequena, Beatriz mostra (linha 146 a 153) que nem toda pessoa trans* tem uma experiência ruim na escola, mas também reconhece que isso é menos comum. Ao dizer: “em relação com a escola foi completamente bendita por eu ser bem acolhida = bem aceita na escola = por as pessoas principalmente gostar de mim mesma”, destaca quanto a sua experiência foi pouco comum ao dizer que foi “bendita” e o papel que a aceitação dos outros teve. Continuando, afirma “porque na maioria dos casos da pessoa travesti (.) >essa pessoa trans é totalmente o contrário< = é uma forma de de agressões, de violência de pura transfobi:a< = <aglomera tudo dentro de uma mesma situação e faz com que isso torna-se uma tradição com que> (.) >com que essa pessoa seja levada à exclusão e levada até à prostituição<”. Assim, mostra que a experiência mais comum na escola é passar por situações de violência e não de ser aceito/a pelos outros. Podemos inferir, então, que a aceitação e a falta de violência são de suma importância para garantir a permanência das pessoas transexuais e travestis nas instituições escolares.

Nas palavras de Ranniery (2017, p. 19), a maior parte das pesquisas aponta para o ambiente escolar como um espaço que apaga ou nega as vivências não cisheteronormativas, ou até como um lugar de explícita violência aos corpos que não trazem em sua conduta as dinâmicas exigidas pela matriz heteronormativa em que a escola se funda:

Muitos discursos sobre currículo sugerem que, quando se contempla sexualidade e gênero, atinge-se uma espécie de estado de negação em relação às iniquidades geradas pela heteronormatividade. As escolas são apontadas como um lugar avesso para as performances de gênero que não correspondem à heterossexualidade [...].

Ao mesmo tempo, o autor argumenta que tais pesquisas apagam outras vivências. Podem se deprender deste ambiente experiências contrárias a este arco de violência, sendo Beatriz, no caso dessa pesquisa, um exemplo desta exceção.

Já nas linhas 155 à 157, ela demonstra seu vigor e sua luta, e dispara contra a não aceitação da matriz heteronormativa em relação à sua vida: “eu já era eu sou (1.0) essa coisa = eu fui sempre fui muito sempre política na minha cidade então por eu ter parte por essa questão política também que tem dentro da cidade eu já era bem [...]”. Assim, vemos outro lado da história: que a aceitação não foi algo simplesmente dado em todos os ambientes nos quais ela circulava. Não foram as outras pessoas que foram boazinhas e aceitaram ela; ela foi política e lutou ativamente para isso.

Da linha 168 até a 171, Beatriz explica de onde vem os depoimentos sobre a violência na escola: “eu trabalho na fiocruz, na fundação osvaldo cruz no instituto nacional de infectologia. sou assistente de pesquisa e também sou recrutadora e eu recruta essas pessoas e a partir da escuta dessas pessoas que eu tô te falando isso (1.0)”. Por um lado, ela continua demonstrando seu vigor, uma vez que ela trabalha dentro de uma Instituição de Pesquisa renomada e não na prostituição. Ao mesmo tempo, ela mostra que seus comentários sobre as experiências de violência na escola são legítimas, apesar de não serem sua experiência pessoal, pois são relatos que ela ouviu de outras pessoas transexuais e travestis no seu local de trabalho.

Esta generalização narrativa fica mais evidente da 173 até a linha 183, pois ela não conta a experiência específica de uma pessoa só; generaliza a partir das experiências da maioria. Primeiro, ao dizer “elas são xingadas, elas são violentadas fisicamente (1.0) só porquê é travesti”, Beatriz enfatiza duas palavras (“xingadas”, “violentadas”), que mostram que a violência contra as travestis é verbal e também física (linha 173). Depois, elenca vários insultos que as travestis escutam: “ela chega na escola ela é chamada de traveco, ela ouve “vai para lá seu cabra macho, seu homem, seu macho safado, vai virar homem”” (linhas 174 e 175). Continuando, mostra que o problema não provém somente

dos/as colegas de turma, mas dos adultos que representam a instituição, os/as professores/as e os/as diretores/as: “aí ela vai reclamar com professor e o professor pede para travesti ficar calada porque o coleguinha está correto porque a travesti é um homem daí vai pra direção, para gestão maior, e a direção bota para casa” (linhas 176 a 179). Assim, vemos que o problema não é uma simples situação de “bullying” entre colegas, mas que os/as representantes podem ter um papel na perpetuação das violências. A seguir, Beatriz mostra quanto a “solução” de mandar a aluna travesti pra casa é injusta: “você chega em casa o pai pergunta porque você veio para casa (.) “saiu da escola porquê?” (.) ainda não falaram em casa “porque eu sou travesti, pai” (.) porque se o pai souber, ele dá uma surra nessa pessoa” (linhas 178 a 181). Primeiramente, a travesti é culpada por ter saído da escola; segundo, se ela não tiver um ambiente de aceitação em casa, não pode pedir para os pais (ou “o pai”, como diz ela, indicando talvez uma menor probabilidade de compreensão da parte dos homens cissexuais), contestarem a instituição, por medo de passar por outras violências. Como fechamento, Beatriz afirma: “então a situação de travesti nesse país é isso (.) é esse não entendimento, essa não compreensão e essa TRADIÇÃO de violência.” (linhas 182 e 183). Ela enfatiza primeiro “não compreensão”, chamando atenção para quanto a sociedade é cruel. Depois, enfatiza mais ainda a palavra “tradição”, mostrando que é algo que se repete muito, e faz muito tempo. Assim, Beatriz chama a atenção também para um ciclo de violência que vai da não compreensão dos/as colegas na escola, para os/as representantes da instituição, para os pais.

Wania, nesta parte acirrada sobre ambiente escolar, é quem começa a criar conexões com outros tipos de discriminação (linhas 191 a 194): “não liberdade de se estar no mundo, né:: < tanto de pessoas negras, né(.) pessoas vivendo com deficiência(.) pessoas vivendo com hiv(.) as pessoas negras, né:: o racismo(.) gordofobia”, embora hierarquize - ela deixa bem claro que é pior para pessoas trans* (linhas 194 a 197): “e principalmente travestis e transexuais essas outras categorias de existir e que são discriminadas,né(1.0) Eu falei que elas não vivenciam preconceito do modo que uma pessoa trans vivencia... o que é negado à pessoa trans é o direito à vida”. Neste período, nota-se claramente o discurso transfeminista, que denota a marginalidade imposta pelo sistema a estas pessoas.

Dentro do escopo de apagamento de vidas que a matriz cisheteronormativa opera, conforme visto em capítulos anteriores, neste momento (linha 218) Wania elenca os “algozes” desta matriz, que, na verdade, são as vítimas. Wania não diz simplesmente “pessoas trans”, ela demonstra a diversidade: “uma travesti, um homem trans, pessoas trans, lgbt” para já em seguida (linha 219) novamente conectar outros grupos: “pessoas negras pessoas, pessoas com deficiência, hiv”.

Nas linhas 224 e 225 ela dispara certa sobre o que leva ao fracasso escolar dos corpos tidos como desviantes, abjetos: esses corpos, essas pessoas não evadem a escola, elas são expulsas e isto é o mesmo que condená-las à morte, como visto nas seções anteriores: “infelizmente mata muitas pessoas(.) ela faz você ir embora, ou seja, não é uma evasão: a escola(.) é uma EXPULSÃO(1.0).” Denoto a ênfase dada por Wania para a palavra “expulsão”: é com bastante mágoa que ela demonstra o conhecimento prejudicial pelo qual opera a matriz cisheteronormativa. Foi triste de ouvir, é triste de imaginar, mas estamos aqui, elas e nós, para lutar contra isso. Ela tem plena ciência de que não existe evasão escolar, existe a destituição dos direitos garantidos, tecnicamente, pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (10 de dezembro de 1948).

Da linha 225 até a linha 232, Wania vai ao encontro deste apontamento, além de ela deter conhecimento acadêmico e ter uma fala politizada, estas linhas servem para mostrar o quanto o seu caso (de ter permanecido na escola) é pouco comum. Ela também não compra o discurso meritocrático, pois nunca diz coisas como “eu trabalhei muito, eu consegui pelo esforço”. À diferença disso, ela cita pesquisas científicas e dados específicos: “aí tem uma pesquisa de que foi divulgada em 2017 e ela mostra que dentro do estado do rio de janeiro, a partir de um projeto com 1000 pessoas trans ela mostra que setenta e oito por cento de pessoas trans não estão na educação básica de ensino fundamental(.) não tem até o ensino fundamental, não estão na educação infantil e fundamental e isso significa que setenta e oito por cento não estão no ensino médio(1.0) é uma negação de mais da metade do acesso dessas pessoas [...]”.

Quando Wania expressa essas palavras, está posto para nós o triunfo do sistema escolar cisheteronormativo: ela nos ensina, através de dados de uma pesquisa, que pessoas trans*, em sua maioria (mais da metade), não são vistas como partícipes do sistema. Sendo assim, nem acesso à educação básica elas têm, o que pode vir a acatar a aceitação,

por parte das próprias pessoas trans*, de que elas não merecem estar na escola, de que não devem estudar, de que devem continuar à margem do sistema.

Por quê, então, Wania conseguiu permanecer na escola e não sofrer uma expulsão obrigatória? Na linha 201, Wania destaca a compreensão e o apoio das professoras mulheres (os homens não, então): “>quem me apoiou foram as professoras mulheres [...]”. As experiências de Beatriz e de Wania deixam bem claro que a diferença de pelo menos alguns/algumas educadoras/professoras é de suma importância para o êxito escolar. Além da aceitação pelos/as professores/as, Taís também levanta outro fator importante: a aceitação da parte dos/as alunos/as. Quando eu a pergunto se ela não era rejeitada pelas meninas na escola (linha 294), ela corrobora a fala de Wania, na linha 201: as mulheres ou meninas são compreensivas; os homens não. Taís me responde (linhas 295 a 298): “não. eu era amiga das meninas (.) com os meninos era horrível (.) eu sofria violência dos meninos↓ mas as meninas me acolhiam (.) era amiga delas. engraçado que depois que eu fiz a transição eu perdi a maioria das minhas amigas por transfobia mesmo”. Assim, no caso de Taís, só havia aceitação até a transição. Então, talvez, aceitar um menino “afeminado” seja admissível, mas não uma menina trans*. Isto talvez aconteça devido à patologização da transexualidade impingida pela sociedade através da medicina, além da propagação do cissexismo nos discursos cisheteronormativos. De qualquer maneira, vemos nas falas das três entrevistadas a importância da aceitação, dos/as colegas e dos/as professores/as, como um dos fatores que contribui para a permanência das pessoas trans* na escola.

5. Considerações finais

A presente pesquisa propôs-se a analisar as imbricações e as possíveis dialogias pelas quais passam mulheres trans* enquanto alunas em sistemas escolares. As três entrevistadas constroem-se em falas que ora fogem à norma do sistema cisheteronormativo, ora o reforçam. Fogem à norma quando demonstram que, apesar da alarmante expulsão de pessoas trans* do ambiente escolar/profissional, conseguiram-se manter-se ali, mais além: conseguiram ser agentes sociais em profissões que provieram de seus estudos, ativismos. Reforçam a norma quando falam de acordo com o que se é esperado de uma mulher trans* pelo discurso médico, que as patologiza.

Em vários momentos, sabendo elas que estavam se dirigindo para um trabalho acadêmico, foi notável o discurso ativista, ou melhor, transfeminista, com linguagem acadêmica, de cada uma. Noutros momentos, em que se sentiam mais à vontade, ou até mais nervosas – pelo assunto lhes ser revoltante, elas abandonavam o tom discursivo da “norma culta” e resvalavam na forma regional-cultural de suas origens. Aspectos evidentemente transfeministas foram notabilizados, quando elas traçam o perfil excludente da escola em relação aos seus corpos, quando elas apresentam dados embasados em pesquisa em que mais de cinquenta por cento da população transexual/travesti não está no ensino fundamental, quando elas reivindicam a não-aceitação de seus corpos nestes ambientes, quando elas afirmam, enfim, a hipocrisia da sociedade, que deseja seus corpos apenas na prostituição, para satisfazerem desejos sexuais, mas que na letra da lei, esta mesma sociedade as considera abjetas e não coerentes à matriz cisheteronormativa.

Interessante notar que nenhuma delas falava por cima da fala da outra, em todo momento houve respeito pelo turno de fala da cada uma, por parte delas, num intuito, talvez, de demonstrar que eram digníssimas de estarem ali e concederem, com orgulho, as vicissitudes de suas vidas a mim, uma estudante cissexual, heterossexual e branca.

Está posto, nesta humilde pesquisa, que nenhuma delas evadiu a escola. Ao contrário, lutaram para terem profissões acadêmicas. Em muitas falas elas contam como a escola é um lugar opressor, de expulsão, e não de acolhimento como sonha ser nós, futuros/as docentes. Mas, também, contam coisas sobre como suas experiências foram diferentes, que elas em certos momentos foram aceitas. Elas delineiam alguns fatores das

suas vidas que contribuïrem para elas terem sucesso escolar, como por exemplo a aceitaçãõ da família, de colegas mulheres cissexuais, de professoras cissexuais etc.

Reconheço que, ao longo da pesquisa, eu não problematizei tanto a minha relação emotiva com as entrevistadas, eu poderia ter delineado mais este aspecto, sendo que o áudio da entrevista me possibilitava isto, minha relação com elas me possibilitava isto. Eu poderia ter enveredado com mais força para os desdobramentos de suas falas enquanto eu escrevia esta pesquisa, mas não o fiz. Assim como eu também não considerei como a classe social delas pode ter sido uma variável que influencia o êxito escolar. Eu poderia ter analisado linhas da entrevista mais neste sentido.

Não basta nos aguerrirmos sem ser coletivamente. A presente pesquisa deixa claro que é através da resistência, do ativismo político, do apoio e da empatia que podemos modificar o ambiente escolar. Como sonhou e executou Paulo Freire (2003, p. 75, grifos do autor)

[...] para que finitude, que implica processo, reclame educação, é preciso que o ser nela envolvido se torne dela consciente. A consciência do inacabamento torna o ser educável. O inacabamento sem a consciência dele engendra o *adestramento* e o *cultivo*. Animais são adestrados, plantas são cultivadas, homens e mulheres se educam.

Desejo, em tempo, que este trabalho de conclusão de curso não bordeje sem eira, nem beira; aguço que esta pesquisa sirva de motivação para educadores/as e para estudantes que não se enquadram dentro da matriz coercitiva que tem suas bifurcações em vários setores da sociedade. Espero que, com o tempo, casos de êxito escolar, universitário e profissional como aqueles de Beatriz, Taís e Wania se tornem a norma e não a exceção para pessoas transexuais e travestis.

6. Referências bibliográficas

ACOSTA, Tássio. Evasão ou expulsão escolar de gays afeminados e travestis das instituições escolares e as vidas que não podem ser vividas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 13, n. 20, 27 ago. 2019.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (orgs). **Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. Brasília: Distrito Drag/ANTRA/IBTE, 2019. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/12/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contrapessoas-trans-em-2018.pdf> (acesso em 31/12/2019 às 16h05).

BENTO, Berenice. Transfeminicídio: violência de gênero e o gênero da violência. In: COLLING, Leandro (org). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 25-40.

BORBA, Rodrigo. Linguística *Queer*: uma perspectiva pós identitária para estudos da linguagem. **Entrelinhas**, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.

_____. Receita para se tornar um “transexual verdadeiro”: discurso, interação e (des) identificação no processo transexualizador. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 55, n. 1, p. 33-75, 2016.

_____. Sobre os obstáculos discursivos para a atenção integral e humanizada à saúde de pessoas transexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.17, p. 66-97, ago. 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 236p. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

DA SILVA LIMA, Tatiane; FILHA, Constantina Xavier. O Fracasso Escolar de Mulheres Transexuais e Travestis nos Trabalhos Apresentados no Gt-23 da Anped, no Período de 2005 a 2015. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS**, 23 n. 46, 2017.

DE OLIVEIRA JUNIOR, Isaias Batista; MAIO, Eliane Rose. Re/des/construindo in/diferenças: a expulsão compulsória de estudantes trans do sistema escolar. **Revista da FAEEDBA-Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 45, p. 159-172, jan./abr. 2016.

DE SOUZA, Heloisa Aparecida; BERNARDO, Marcia Hespagnol. Transexualidade: as consequências do preconceito escolar para a vida profissional. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 11, 2014.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 5ª edição. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

JESUS, J. G. D.; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 28 nov. 2012.

LEWIS, Elizabeth Sara. Do “léxico gay” à Linguística Queer: desestabilizando a norma homossexual oculta nas Teorias Queer. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 47, n. 3, p. 675-690, 2018.

_____. Teoria(s) Queer e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa. In: MACEDO, E.; RANNIERY, T. (Orgs.). **Currículo, sexualidade e ação docente**. Petrópolis: DP et Alii, 2017. p. 157-186.

LÍVIA, Anna; HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (orgs). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 109-127.

_____. (orgs). **Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

PERES, Wiliam Siqueira. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009, p. 235-264.

RANNIERY, Thiago. Currículo, Normatividade e Políticas de Reconhecimento a Partir Trajetórias Escolares de “Meninos Gays”. **Education Policy Analysis Archives/Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, n. 25, p. 1-29, 2017.

RODRIGUES, Liliana; CARNEIRO, Nuno Santos; NOGUEIRA, Conceição. Transexualidades: olhares críticos sobre corpos em crise. In: JESUS, Jaqueline Gomes de (org). **Transfeminismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas**, 7(1-2): p. 9-73, ([1974] 2003).

TANNEN, Deborah. Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (orgs). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 67-92.

7. Anexo: Convenções de Transcrição

(1.0) pausa medida (de um segundo ou mais)

... pausa não medida, longa (mas de menos de um segundo)

(.) pausa não medida, breve

. entonação descendente ou final de elocução

? entonação ascendente

, entonação de continuidade

- parada súbita

= elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas

sublinhado ênfase

MAIÚSCULA fala em voz alta ou muita ênfase

↑ subida de entonação

↓ descida de entonação

°palavra° fala em voz baixa

>palavra< fala mais rápida ou acelerada

<palavra> fala mais lenta

: ou :: alongamentos

() fala não compreendida

(palavra) fala duvidosa

/.../ indicação de transcrição parcial ou de eliminação

“palavra” fala relatada

.hh inspiração